

www.revistanascente.com.br

Ano XXIX • Nº 179
Shevat / Adar I 5782 • Jan / Feb 22

NASCENTE

Órgão de Divulgação da Congregação Mekor Haim



VIDAS POR UM TEFILIN

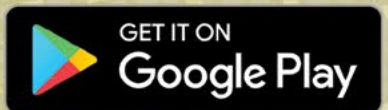
Uma História mais do que impressionante!

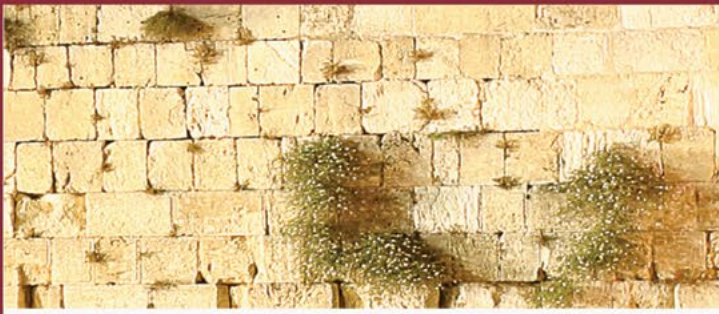
APPS ANDROID

Aplicativos para celular desenvolvidos pela equipe Ôhel Moshê



Acesse a Play Store e baixe os apps gratuitamente!





Como merecer proteção Divina:

Em momentos de **alegria**, em momentos de **tristeza**,
antes de uma **viagem**, por uma **salvação** ou **cura**.

Envie seu nome aos *Guedolê Yisrael* para uma *berachá* e para que seja lembrado nos locais sagrados por tudo o que você precisa!



0800-891-6701

Ou doe diretamente: www.kupat.org





Nº 179

Capa:

Vida por
um Tefilin.
Variedades II,
pág. 14.

Expediente

A revista Nascente
é um órgão bimestral de divulgação da
Congregação Mekor Haim.

Rua São Vicente de Paulo, 276
CEP 01229-010 - São Paulo - SP
Tel.: 11 3822-1416 / 3660-0400

Fax: 11 3660-0404

e-mail: revista_nascente@hotmail.com

SUPERVISÃO: Rabino Isaac Dichi

DIRETOR DE REDAÇÃO: Saul Menaged

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO:
Ivo e Geni Koschland

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO: Equipe Nascente

EDITORA: Maguen Avraham

TIRAGEM: 10.000 exemplares

O conteúdo dos anúncios
e os conceitos emitidos nos artigos
assinados são de inteira responsabilidade
de seus autores, não representando,
necessariamente, a opinião da diretoria da
Congregação Mekor Haim ou
de seus associados.

Os produtos e estabelecimentos casher
anunciados não são de responsabilidade da
Revista Nascente. Cabe aos leitores indagar
sobre a supervisão rabínica.

A Nascente contém termos sagrados.
Por favor, trate-a com respeito.

Páginas que necessitam de
Guenizá estão assinaladas.

NASCENTE

Nesta Edição



07

Dinheiro Em
Xeque
"Viagens de ônibus".



36

Variedades IV
"Shabsi e
David".



16

Joias do
Maguid
"Yitschac, o Bêbedo".



42

Era Uma Vez
"Um Terno Impecável".

24

Leis e
Costumes I
"Quando
o Principal
Isenta o
Secundário".
Rabino I. Dichi

51

Passatempos
"Ilusão de
Ótica, Jogo dos
7 Erros e outros
desafios".

40

Leis e
Costumes II
"Shabat –
Zachor
Veshamor".
Rabino I. Dichi

32

Visão
Judaica I
"Uma
Criatura Viva".
Rabino I. Dichi

49

Pensando
Bem II
"Transgressores
de Israel".
Yaffa Eliach



28

Saúde I
"Sucos Para a Vida".



14

Variedades II
"Vida por Um Tefilin".



27

Pensando Bem I
"Quando Estiver Velhinha".



57

Infantil
"Batendo no Príncipe".



13

Variedades I
"Esvaziando a Mala".



22

Curiosidades do Mundo Animal
"Insetos em Close".

44

Visão Judaica II
"Antes e Depois do Pecado".
Rabino I. Dichi

46

Ética dos Pais
"Os Três Sustentos do Mundo".

54

Datas e Dados
"Datas e horários judaicos, parashiyot e haftarot para os meses de Shevat e Adar I".

21

Saúde II
"Enfarte Sozinho".

30

Quem Sabe Responde
"Um Desafio à Sua Sabedoria".

35

Variedades III
"Um Sorriso".

09

Comportamento
"As diferenças e os Extremos".
Rabino I. Dichi

48

Variedades V
"A 'evolução' dos Tempos".

Dois pensamentos que prejudicam a elevação espiritual das pessoas: “Eu sei o que é bom para mim” e “Eu sempre procuro a lógica nos mandamentos Divinos para cumpri-los”.

As pessoas preferem agir por sua própria vontade, sem serem obrigadas. Quando uma pessoa “ordena” que a outra realize algo, o primeiro impulso da segunda é defender-se procurando um argumento para não o efetuar, provando que não necessita de conselhos de ninguém. Talvez seja por isso que há um certo receio de algumas pessoas em cumprir as determinações da *Torá*, principalmente por existir até um castigo para quem não as cumpre.

A analogia mais próxima do relacionamento entre D’us e os homens é o existente entre um pai e seu filho. Algumas vezes, a criança se imagina com mais sabedoria que os pais, afirmando: “Só eu sei o que é bom para mim”. Na maioria das situações, pela falta de vivência e conhecimentos da criança, o único argumento que resta aos pais é algo como: “Querido, nós o amamos e queremos o seu bem. Você deve confiar no que recomendamos os seus pais.”

De forma mais acentuada – infinitamente – ocorre esta relação entre D’us e os homens. Apesar de D’us ter revelado ao homem parte de Sua sabedoria, devido à limitação da razão humana, Seu argumento mais forte é o “querido, confie em Mim”.

Assim, é mais louvável e meritório cumprir os mandamentos por terem sido ordenados por D’us, por confiarmos Nele, e não porque concordamos com a lógica de cada recomendação. Com nosso intelecto limitado, mesmo quando concordamos com a lógica dos mandamentos, não podemos alcançar toda a grandeza espiritual contida neles.

Neste contexto, também se entende facilmente o motivo das punições anunciadas por D’us. Pelo infinito amor que Ele sente por Seus filhos, mesmo preferindo uma obediência exclusiva pela confiança, pela fé, o método da punição e da recompensa é o caminho natural para se descobrir a Verdade. Ninguém consegue atingir diretamente a fé absoluta sem passar pelo estágio de temer o castigo e ansiar a recompensa.

Um pai garante prêmios e castigos ao filho esperando que, quando ele crescer, estes recursos não sejam mais necessários para tomar as decisões corretas. Algo parecido acontece no caso da relação entre D’us e o Seu povo. É como se Ele dissesse: “Meus filhos, Eu adoraria que vocês cumprissem Meus mandamentos exclusivamente por confiarem em Mim. Caso isso não ocorra, em nome do infinito amor que sinto por vocês, serei obrigado a anunciar punições.”

Também são frequentes afirmações como: “Eu procuro, de todas as formas, a lógica nos mandamentos Divinos para cumpri-los.” Ora, esta pessoa não está sendo incongruente? Ela admite que existem mandamentos Divinos, que existe um Criador com sabedoria infinita e, ainda assim, quer alcançar a Sua sabedoria antes de acatar as Suas recomendações (?!).

Um dos sábios talmúdicos, Antíguenos Ish Sochô, costumava dizer: “Não sejam como os escravos que servem ao seu senhor em troca de recompensas, mas sim, como os escravos que servem ao seu senhor sem esperar recompensas.” Apesar da grande recompensa pelo cumprimento da *Torá*, deve-se seguir a vontade de D’us sem interesse na recompensa. ■



Viagens de Ônibus

Todas as dúvidas e divergências monetárias de nossos dias podem ser encontradas em nossos livros sagrados!

O Rav Yitschac Zilberstein *Shelita* ouviu dois casos curiosos sobre passageiros de ônibus que não tiveram a oportunidade de pagar por suas viagens:

Ônibus 1

Aconteceu com Efráyim, que num fim de tarde tinha “tomado todas”.

Ao anoitecer, decidiu pegar um ônibus de Benê Verak para Jerusalém.

Completamente bêbado e cambaleante, conseguiu subir no ônibus. Sentou-se no último banco ao lado de um jovem e adormeceu.

Quando despertou de seu sono profundo, Efráyim percebeu que... o ônibus ainda estava no mesmo ponto em que havia subido!

Ele achou muito estranho, porque sentia-se

bem melhor da bebedeira.

Depois de alguns instantes, confuso, decidiu olhar o relógio. E ficou ainda mais atrapalhado! Constatou que haviam se passado quase quatro horas desde o momento que subira no ônibus!

Começou a imaginar por que o ônibus ainda não tinha partido...

Olhou ao seu redor, imaginando para quem faria a pergunta. Mas logo deu-se conta que não eram as mesmas pessoas que estavam no ônibus quando ele subira.

Foi então que “caiu a ficha” – percebeu o que ocorrera. Ele simplesmente dormira “pesado” durante todo o trajeto de ida e volta!

No dia seguinte, Efráyim foi perguntar ao rabino: “Eu paguei apenas a passagem de ida para Jerusalém. Será que também tenho que pagar a

Jovem Universitário Brasileiro

Aplique pelo site:
www.weducate.com.br

Você é dedicado e comprometido com seus estudos?
As bolsas de estudos do WEducate para cursinhos e faculdades são para você!

WEducate
create your future

JACOB BENCHIMOL

SERVÇOS DE PINTURA E SINTECO

ALTA QUALIDADE
RAPIDEZ E LIMPEZA
COM PREÇOS IMBATÍVEIS!

97681-1553
JACOBEN1818@GMAIL.COM

AUTO CADIMA MULTIMARCAS

3333-1333

NOVO ENDEREÇO
AL. BARÃO DE LIMEIRA, 526

As Melhores Ofertas em "OKm" com garantia oficial de fábrica

autocadima@gmail.com 94642-8881

Dinheiro em Xequê

passagem de volta para Benê Verak?"

Ônibus 2

Reuven estava esperando o ônibus expresso para Jerusalém.

Quando o ônibus chegou no ponto, ele colocou seus pertences e compras no bagageiro, que ficava na parte inferior do ônibus.

Como havia comprado objetos grandes e frágeis, ele resolveu entrar dentro do bagageiro para ajeitá-los melhor.

Neste momento o motorista olhou pelo espelho retrovisor e, ao constatar que não havia mais ninguém em torno do ônibus, apertou um botão que fechou automaticamente o bagageiro.

Ninguém percebeu que Reuven ficara preso lá dentro.

Reuven entrou em desespero. Começou a gritar e bater na porta do bagageiro. Mas ninguém o escutou. O motor do ônibus já estava ligado e o ônibus começou a mover-se.

Para piorar a situação, o local era desconfortável, frio escuro e assustador.

Graças a D'us, Reuven chegou no seu destino são e salvo!

Quando chegou em casa estava com uma dúvida. Ligou para o rabino e perguntou: "Eu não paguei pela viagem. Será que preciso pagar?"

Os Veredictos

Efráyim, o bêbado, deve pagar a viagem de volta para Benê Verak também.

Ele ocupara um lugar no ônibus que poderia ter sido vendido a outro passageiro.

A companhia de transporte não precisa sair perdendo devido à sua falha – por ele estar bêbado.

Reuven não precisa pagar a viagem de ida a Jerusalém.

Apesar de ter chegado ao seu destino são e salvo, ele não precisa pagar nada.

Ele não teve um proveito propriamente dito, pois ninguém pagaria um tostão para viajar nas condições sofríveis em que ele viajou. Ninguém aceitaria viajar nestas condições nem de graça!

Do semanário "Guefilte-mail"
(guefiltemail@gmail.com).

Traduzido de aula ministrada pelo Rav Hagaon Yitschac Zilberstein Shelita
Os esclarecimentos dos casos estudados no Shulechan Aruch Chôshen Mishpat são facilmente mal-entendidos. Qualquer detalhe omitido ou acrescentado pode alterar a sentença para o outro extremo. Estas respostas não devem ser utilizadas na prática sem o parecer de um rabino com grande experiência no assunto.

ANUNCIE AQUI!

Anunciando na Nascente seus conhecidos e amigos serão também seus clientes e você ainda estará colaborando para a divulgação dos valores judaicos!

NASCENTE
CHANUCÁ SAMEACH!
DE ORIZANCA PARA CHANUCA
Perdidos
OMERO EM XEQUE
Bombas Antigo

Os produtos e estabelecimentos casher anunciados não são de responsabilidade da revista

NASCENTE
Cabe aos consumidores indagar sobre a supervisão rabínica

Casher

As diferenças e os Extremos

Rabino I. Dichi comentando “Hilchot Deot” do Rambam

Rabino I. Dichi

“Os seres humanos têm várias formas de pensar e são muito diferentes uns dos outros. Muitas vezes, essas diferenças variam entre dois extremos. Um enfoque de pensamento pode ser o extremo do outro”. O Rambam inicia seu estudo de maneira muito realista. E passa a mostrar qual o caminho para que se possa conviver com essas diferenças. Como se podem conciliar esses extremos? Afinal, temos de viver harmoniosamente com as outras pessoas.

Há tipos que são coléricos. O Rambam qualifica de colérico aquele que sempre tem esse comportamento. Não alguém que age dessa forma vez ou outra (mais adiante, veremos se, ainda assim, é aceitável ficar irritado, mesmo que eventualmente). Claro que não é correto se enervar com frequência. Por isso, o Rambam chama esse indivíduo de *báal chemá* (um sujeito esquentado) como se a principal característica dele fosse a ira. Ele está sempre assim (*coês tamid*).

Há o tipo de indivíduo que é mais tranquilo. O Rambam se refere a ele como *da'tô meiyushêvet alav* (moderado) – literalmente, suas ideias são equilibradas. Pois, de forma inversa, a pessoa que fica irada sai de si, dei-

xa de ser ela. E as ideias daquele que nunca se enerva estão sempre bem equilibradas. Esse é o extremo: o indivíduo que nunca se irrita, por mais intolerável que a situação possa parecer. E, caso fique irritado, será a cada determinado número de anos ou apenas uma vez na vida. Trata-se do oposto do primeiro tipo descrito, que se enerva facilmente e sempre.

Há aquele que é muito orgulhoso. O outro extremo é ser muito humilde.

Há ainda quem tem o coração puro e não deseja, sequer, as coisas mínimas para sua sobrevivência. Ele não sai em busca nem daquilo que precisa. Não que seja preguiçoso, mas não se importa de viver apenas e exclusivamente com o que tem. E há o tipo contrário, que sempre está almejando algo, nunca se dando por satisfeito (*nêfesh rechavá*). Este conceito de *nêfesh rechavá* está ligado a Bil'am. A *Mishná*, em *Pirkê Avot* (5:23), diz: “Venham ver a diferença entre os alunos de Avraham Avínu e os de Bil'am”. Uma das definições de Bil'am é *nêfesh rechavá*, que nunca está satisfeito com o que tem. Como disse Shelomô Hamêlech (*Cohêlet* 5:9): “Alguém que gosta de dinheiro nunca achará que já tem o suficiente”. Esse também é outro extremo.

Há ainda o avarento, um sujeito que sofre,

porque não se cansa de juntar dinheiro e vive imerso em grande dificuldade sem que isso seja realmente necessário. É evidente que esse sujeito não é racional. Não é assim que a Torá nos ensina a viver. No outro extremo temos o esbanjador, que gasta mais do que ganha, sem a menor preocupação.

Controle orçamentário

O *Shulchan Aruch* (529, 1) escreve que não se deve poupar quando se trata de despesas para o *Yom Tov*. Nos outros dias, porém, devemos economizar os gastos. O *Mishná Berurá* nos diz sobre a necessidade de termos ponderação nos nossos gastos, planejarmos nosso orçamento familiar e não gastarmos sem controle:

“A origem disso é o que consta na *Guemará (Betsá 16a)* de que o sustento de uma pessoa é decidido e determinado de um *Rosh Hashaná* até o próximo. Rashi comenta que se deve, portanto, ter muito cuidado para não fazer despesas muito elevadas. Se gastarmos demais poderá faltar, pois não nos será dado mais do que o montante fixo predeterminado em *Rosh Hashaná*. Esta é uma advertência e deve servir como uma forte censura nos nossos tempos, nos quais, lamentavelmente, muitas pes-

soas transgridem com relação a isso, satisfazendo seus excessos, comprando luxos desnecessários. Erram por não levar a sério como se conduzir de forma adequada com relação às despesas domésticas, distanciando-se de ostentação e supérfluos. E muitos são os prejudicados por este tipo de conduta que, em última análise, leva a pessoa à desonestidade e traz descrédito e vergonha. Vários são os motivos que levam a este mau comportamento. No entanto, a causa principal é que as pessoas não preveem as consequências. Louvado é aquele que tem a coragem de insistir em administrar os gastos de sua casa de acordo com seus recursos (tradução livre).”

Assim, diz o Rambam, há temperamentos diferentes, que variam muito de uma pessoa para outra, podendo ir de um extremo a outro. Há os exageradamente alegres e, outros, muito tristes. Há o avarento e o esbanjador. Há o cruel e o misericordioso. Há o corajoso e os medroso. Até agora, entretanto, o Rambam não nos indicou qual o caminho a seguir. Ele limitou-se a definir os diversos temperamentos que as pessoas podem ter.

Tipos intermediários e a segunda natureza

Diz o Rambam, que, a partir des-

sas ideias citadas sobre dois extremos de um comportamento, há temperamentos que estão exatamente entre esses dois caminhos. Por exemplo, há o sujeito que é muito irritado e aquele muito sereno. Entre ambos, há os que se aproximam mais do lado nervoso e, outros, do lado mais tranquilo.

Há pessoas que detêm essas características desde o nascimento, podendo ser chamadas de traços genéticos, e outras que as adquiriram com o tempo, assimilando-as, convivendo com indivíduos que as possuíam e tendo aprendido deles (tanto os pontos positivos quanto os negativos). Ainda assim, essas que nasceram com determinada índole não estão condenadas a passar toda a vida com ela, como, por exemplo, a pessoa colérica. Ela pode mudar essa característica.

Há ainda o indivíduo que não nasceu assim e sequer sofreu influência do meio. Ele mesmo chegou à conclusão de que é correto agir de determinada maneira – ou optou por seguir o conselho de alguém dizendo que combina com ele comportar-se daquele modo. Ele habituou-se a isso, até que esse traço se tornou parte integrante de sua personalidade.

Há o conceito de *têva sheni* (segunda natureza). Existe a nature-



Portal judaico brasileiro
NASCENTE

www.revistanascente.com.br

Aqui você encontra as últimas edições da sua revista Nascente e muito mais:

- Fotos e vídeos dos eventos da comunidade judaica
- Áudios e vídeos com ensinamentos do Rabino Isaac Dichi
- Aulas de Daf Hayomi com o Rabino Daniel Faour
- E muito mais!

za, que a pessoa nasceu com ela; e há o caso em que o convívio ajudou a construir a natureza dela (tanto negativa quanto positivamente). Ela assimilou isso ou alguém a orientou assim. Ela estudou o assunto e se tornou assim. Nesses casos, a pessoa pode adquirir o *têva sheni* (segunda natureza). Ela, portanto, não tem de continuar com a natureza com a qual nasceu. Muitas vezes, o meio ambiente pode ser favorável na hora de transformar em positiva a natureza negativa com a qual ela nasceu; ou desfavorável, agindo de maneira inversa (transformando em negativa a natureza positiva com a qual a pessoa nasceu).

Dêrech Hatovim

Nas características humanas, optar por um dos dois extremos, distantes um do outro, não é algo positivo. Não é o caminho correto. Se o indivíduo percebe que sua natureza (primeira ou segunda) tende para um destes extremos, o ideal é encontrar o equilíbrio, conduzindo-se no caminho correto: *dêrech hatovim* (o caminho dos bons).

O equilíbrio só não deve existir em relação a duas características: a raiva e o orgulho, das quais o indivíduo deve se afastar completamente, indo para o extremo da calma e da humildade.

Quando nos referimos a *dêrech hatovim* – caminho dos bons – não é para cada um de nós acharmos que o “seu” caminho é o correto. Isto seria algo subjetivo. O Rambam quer que sigamos pelo caminho das boas pessoas, ou seja, os outros que são considerados bons, não nós mesmos nos considerarmos bons e acharmos que já estamos trilhando o caminho bom.

Até aqui, o Rambam limita-se a abrir o leque de características que

faz parte da humanidade. Expõe sua diversidade e intensidade. Diz que a pessoa pode ter nascido com determinados traços de personalidade, tê-los adquirido ao longo da vida ou, ainda, tê-los assimilado (da vida, dos amigos, da sociedade). Em todos estes casos, não significa que o indivíduo está isento de retornar o mais rapidamente possível e mudar o rumo de seu temperamento, seguindo o *dêrech hatovim*.

Dêrech Yesará

O Rambam passa, então, a se referir a *dêrech yesará* (caminho correto). Note que, primeiramente, ele define que se deve seguir pelo caminho dos bons (*dêrech hatovim*), o que elimina qualquer tentativa de subjetividade. Sabe-se, objetivamente, quem é bom e quem não é. Posteriormente, ele afirma que o caminho dos bons (*dêrech hatovim*) é o caminho correto (*dêrech yesará*) – pois, se é o caminho dos bons, não há como se equivocar com conceitos subjetivos, sobre o que é ou não correto.

Ou seja, quando estamos em uma trilha, que nos parece correta, ela pode estar completamente errada. Para não correr o risco de julgar subjetiva e erroneamente um caminho, o Rambam prefere primeiro dizer para seguirmos o caminho dos bons (*dêrech hatovim*), que, definitivamente, será o caminho correto (*dêrech yesará*).

O caminho correto (*dêrech yesará*) não é um extremo e nem outro. Ele é o caminho do meio, que é equidistante de um ponto a outro.

Nossos sábios ordenam que avaliemos nosso temperamento constantemente. Há um *passuk*, no *Tehilim*, que diz: “Este que se coloca no caminho certo, vou mostrar a ele a salvação de Hashem”. O indivíduo

que o tempo todo avalia sua conduta, seus caminhos o levarão à salvação de Hashem. Quando alguém está em dificuldade, tem de analisar seus caminhos, suas condutas, seus temperamentos.

Entretanto, a natureza humana não gosta de mudanças, que são associadas a dificuldades, reviravoltas e trabalho a fazer. Ao proceder a um exame de sua conduta, o ser humano tem de estar atento para a necessidade de seu aperfeiçoamento pelos caminhos de Hashem. É importante estar consciente de que essas mudanças, resultantes de uma apreciação de si próprio, são necessárias e devem ser feitas até o último minuto da vida neste mundo.

E já que os temperamentos são diferentes e temos de seguir o comportamento das pessoas boas e o caminho correto, devemos avaliar sempre nossas condutas, ideias, personalidades. E procurar o caminho do meio (à exceção da raiva e do orgulho).

Isso se faz necessário para que o sujeito seja íntegro, completo.

Ira = falta de sabedoria

Não se deve ser alguém fácil de encolerizar-se; nem alguém que não tenha sensibilidade. Deve haver um equilíbrio.

Nossos *chachamim* dizem, ainda, que todo aquele que é sábio, e se enfurece, a sabedoria o abandona. Algo surpreendente é saber que o exemplo dado é ninguém menos do que Moshê *Rabênu*.

Hashem ordenou a Moshê que enviasse pessoas para guerrear contra *Midyan*. E que eliminassem a todos, pois *Midyan* foi quem levou Yisrael ao pecado com Báal Peor. Assim, *Hacadosh Baruch Hu* pede a Moshê que se vingue de todos os *midyanim*

antes de morrer. Desta maneira, Hashem condicionou a morte de Moshê a essa vingança. Ao receber essa orientação, Moshê, imediatamente, mandou homens para a guerra.

Ao retornarem do combate, os homens se apresentaram a Moshê e este percebeu que a ordem de Hashem não fora cumprida, pois eles não exterminaram todos os *midyanim*. Moshê se zanga, a priori, por justa causa. Nem mesmo por esse motivo – o descumprimento de uma ordem de Hashem – foi correto que ele se zangasse.

O Rav Eliyáhu Eliêzer Desler *zt"l*, em seu livro “Michtav Meeliyáhu” (vol. 1 pág. 168), nos esclarece em nome do Rav Yisrael Salanter *zt"l* que ao ficar nervoso, Moshê *Rabênu* teve apenas vestígio mínimo desta característica.

Em seguida, Moshê precisava ensinar os Filhos de Israel a tornar *cashier* os utensílios dos *midyanim* que eles haviam trazido como despojos de guerra. Naquele momento, El'azar – sobrinho e aluno de Moshê *Rabênu*, filho de Aharon – passou a falar, dando orientações a *Am Yisrael* sobre como fazer a *cashierização*. A partir deste acontecimento, nossos *chachamim* inferiram que, ao se enervar, perde-se a sabedoria. Ao irritar-se com a atitude de *Am Yisrael*, Moshê esqueceu as leis de *cashierização* e quem as ensinou ao povo foi seu sobrinho El'azar.

Comer para sobreviver

Diz o Rambam, que o indivíduo deve ambicionar somente aquilo que o corpo precisa – o que for necessário à sua sobrevivência. Isso é o correto. Esse é o caminho do meio. Como disse Shelomô *Hamêlech*: “O *tsadik* come para poder sobreviver” (Mishlê 13:25). Aqui, “comer” é uma

expressão, que engloba ações básicas físicas e materiais, como vestir-se, passear, dormir, etc. São necessidades físicas, que não devem ser satisfeitas a seu extremo.

Trabalho

Quanto se deve dedicar ao trabalho? Aquilo que é necessário para a pessoa momentaneamente, sem que ela se preocupe com o futuro. Disse David *Hamêlech*: “O *tsadik* se satisfaz com uma pequena porção” (*Tehilim* 37:16).

Como usar o dinheiro

O homem não deve ser avarento, tampouco pode esbanjar. Ele deve dar *tsedacá* conforme suas possibilidades. Ele empresta a quem precisa de acordo com o que ele pode.

Semblante afável – alegria tranquila

É proibido rir de maneira exagerada enquanto o *Bet Hamikdash* não for reconstruído. Por outro lado, não se pode ficar tristonho.

Deve-se ter uma alegria tranquila, com um semblante afável e positivo. Conforme nos diz *Rabi Yochanan* (*Ketubot* 111b) é melhor sorrir (literalmente exibir o branco de seus dentes) ao dirigir-se a seu semelhante do que lhe dar leite para beber. Ou seja, quando alguém sorri para as pessoas de modo terno e caloroso é mais benéfico, do que oferecer a elas um copo de leite.

O Saba de Slabodka dizia sobre esse trecho: “Imaginemos o tamanho da satisfação de uma pessoa que está no deserto, quando surge alguém que lhe dá leite para beber!” Nossos sábios afirmam que sorrir para alguém é superior a dar-lhe leite até mesmo no deserto. Esse é o caminho intermediário. Ser alegre é uma obri-

gação, principalmente ser sorridente e agradável.

O Rambam observa que nos deu alguns exemplos para que, a partir deles, avaliemos nossas outras qualidades, a fim de encontrarmos o caminho mediano. Ele cita o caminho dos bons, o caminho correto e diz que, aquele que encontra o caminho do meio, trilha as pegadas dos sábios (*dêrech chachamim*), pois, geralmente, um *chacham* é equilibrado e exerce domínio sobre sua conduta.

O caminho ideal – equilíbrio

Toda pessoa, cujo temperamento é classificado como “intermediário”, ou seja, não se situa nem próximo de um ou de outro extremo de determinada característica – como, por exemplo: nem demasiadamente avarento ou esbanjador, nem extremamente alegre ou triste – diz o Rambam, que esta pessoa está no caminho do meio, do sábio.

Todo aquele que é minucioso consigo mesmo (que analisa seu comportamento de forma meticulosa e se distancia dos extremos) e se inclina para o caminho intermediário é chamado de *chassid*.

Portanto, quem se afasta do orgulho ao extremo e se torna um “*shefal ruach*” – alguém muito humilde, como disseram nossos sábios no *Pirkê Avot* “*Meod meod hevê shefal ruach*” é chamado de *chassid*. Se ele encontrar o meio caminho da humildade, sem se inclinar para o extremo da humildade, ele é chamado *anav* (humilde) e *chacham* (sábio).

Diz o Rambam que os *chassidim rishonim* (os *chassidim* da época do Templo) sempre escolhiam um extremo dentre as condutas de boas *midot* – bondade, humildade, paciência, misericórdia, etc. ■



Esvaziando a Mala

Qual o verdadeiro motivo por trás de nossas bondades?

Quando sua vida começa, você tem apenas uma pequenina mala de mão...

À medida em que os anos vão passando, a bagagem vai aumentando. Existem muitas coisas que você recolhe pelo caminho porque pensa que são importantes.

Em um determinado momento, começa a ficar insuportável carregar tantas coisas!

Pesa demais!

Então você pode escolher:

Ficar sentado à beira do caminho, esperando que alguém o ajude. Esta escolha é muito difícil, pois todos que passam por ali já têm sua própria bagagem, e você pode ficar a vida inteira esperando...

Ou você pode aliviar o peso, esvaziando a mala.

Mas, o que tirar e o que deixar?

Primeiro, você começa tirando tudo para fora, e descobre o que tanto tem dentro: Amizade, amor, carinho, compreensão...

Puxa! Tem bastante coisa! Mas o curioso é que isso não pesa nada!

Porém, tem algo pesando muito... Você faz

força para tirar...

É a raiva! E como ela pesa!

Aí você começa a tirar ainda mais coisas pesadas: a incompreensão, o orgulho, o pessimismo. Para tirar o desânimo, você quase cai dentro da mala... Mas você o puxa para fora com toda a força e, por baixo dele, aparece um sorriso que estava sufocado no fundo de sua bagagem.

Pula para fora outro sorriso e mais outro, e aí sai a felicidade!

Você coloca as mãos dentro da mala de novo e tira a tristeza.

Você procura a paciência, e lá está ela! Também acaba encontrando força, esperança, agilidade, entusiasmo, respeito, satisfação, calma, humildade, responsabilidade, tolerância e bom humor. Uau!

Tire a preocupação também. Depois você decide o que fazer com ela...

Bem, sua bagagem está pronta para ser arrumada de novo.

Mas pense bem no que vai recolocar lá dentro! Agora é com você!...

E não se esqueça de fazer isso mais vezes.

Tenha um ótimo dia!



Vidas Por Um Tefilin

Esta não é apenas mais uma daquelas histórias
“coincidentemente” surpreendentes.



O Sr. Waisberg (nome fictício) acordou cedo naquele dia, pois tinha muitos negócios para tratar em Nova Iorque. Saiu tão cedo que precisou rezar *Shacharit*, a oração da manhã, no saguão do aeroporto.

Mais tarde, já sentado na sua poltrona do avião, aguardando a decolagem, ele pensava em tudo o que precisaria fazer em Nova Iorque. De repente, levantou de sobressalto e abriu sua mala de mão, percebendo que esquecera seus *tefilin* no saguão do aeroporto. Após a oração realizada no aeroporto, esquecera-se de guardar a bolsinha dos *tefilin* em sua bagagem de mão.

Desesperado, o senhor Waisberg foi falar com a aeromoça. Cordialmente ela lhe informou que as portas do avião já haviam sido fechadas e que, conforme o regulamento da companhia aérea, nada mais poderia ser feito. Ele insistiu, mas de nada adiantou. Logo começou uma discussão, fazendo com que outros tripulantes participassem da controvérsia. Alguns tomavam partido do passageiro, outros da aeromoça. Em poucos minutos, mais passageiros começaram a intervir, causando uma grande gritaria no avião.

Depois de quase vinte minutos de desentendimentos, o próprio piloto foi falar com o senhor Waisberg. Para terminar com a discussão, ele informou que poderiam abrir uma enorme exceção e deixá-lo sair do avião. Porém, se ele saísse não o esperariam retornar, e o avião partiria sem ele.

O senhor Waisberg viu-se diante de um enorme dilema: buscar seus *tefilin* e perder o voo, ou viajar e abandoná-los na poltrona do saguão. O que fazer?

Após alguns instantes de dúvida, ele decidiu descer para buscar os *tefilin*. Ele tinha esperanças que iria rápido e que o avião no final o esperaria.

Ele correu até o saguão, encontrou seus *tefilin* ainda em uma das poltronas onde rezara e começou a voltar correndo. Mas quando olhou pela janela do saguão, viu desolado seu avião decolando.

Por alguns instantes ele pensou: “Será que D’us me abandonou? Era muito importante que eu viajasse agora para Nova Iorque! Eu decidi me importar com uma *mitsvá* e acabei perdendo o voo...”.

Suas dúvidas não duraram muito. Em pouco tempo ele foi informado de que o avião em que deveria ter viajado se chocara com a segunda torre das Twin Towers, no terrível atentado de 11 de setembro de 2001, que matou milhares de pessoas. Neste momento ele enxergou a grande bondade de D’us, que salvara sua vida por causa da *mitsvá* de *tefilin*.

Há ainda mais um detalhe surpreendente nesta história: os dois aviões se chocaram com as torres gêmeas com uma diferença de aproximadamente 20 minutos. Esse lapso de tempo possibilitou que a maioria das pessoas que trabalhavam na segunda torre pudessem se salvar. Este foi exatamente o tempo que o senhor Waisberg ficou discutindo com a tripulação do avião. Tudo por um *tefilin*!

Muitas vezes questionamos onde está D’us, e pensamos que Ele não está presente. Mas Ele sempre está! Pensando bem, a pergunta mais correta deveria ser se “nós” nos encontramos onde deveríamos estar. ■

Yitschac, o Bêbedo



O Maguid de Jerusalém, Rav Shalom Shvadron zt”l, foi um dos maiores oradores da nossa geração. Possuidor de um dom singular para transmitir o doce sabor dos caminhos judaicos, reuniu incontáveis plateias durante dezenas de anos.



Seu vultoso repertório de histórias verídicas é composto por incontáveis pérolas do patrimônio judaico, motivo de inspiração e encorajamento. Leia, a seguir, uma das

JÓIAS DO MAGUID

Esta é a impressionante história de um sábio oculto, de um pobre charreteiro e de um grupo de jovens que não usaram o bom senso. Chezkel nunca esqueceu o ocorrido naquela noite gelada, que influenciou o resto de sua vida, até que precisou recontá-lo no sheva berachot de seu filho.

Há muito tempo atrás, quando Chezkel tinha apenas 15 anos de idade, estudava na yeshivá de Stutchin, na Polônia. Eram bons tempos!

Uma vez por semana, às quintas-feiras à noite, os alunos da yeshivá iam para uma certa sinagoga conhecida como “Sinagoga Halvayat Hamet”, que significa: “sinagoga de acompanhamento do morto”. Lá eles estudavam durante toda a noite. Ela se localizava nos arredores da cidade, próximo ao cemitério judaico. Quando falecia alguém, era nesta sinagoga que as pessoas de todas as redondezas se reuniam para prestar a última homenagem ao falecido. Salmos eram recitados e elogios declarados. Então, as pessoas andavam lentamente para o cemitério, para o enterro. Daí o nome da sinagoga.

O inverno polonês é gelado e o vento cortante congela até os ossos. Numa quinta-feira à noite, os garotos, como de costume, estavam estudando no *bê midrash* (salão de estudos), encolhidos, em volta de um fogão a carvão, aquecidos por ele e pelo seu próprio estudo de *Torá*.

Atrás do fogão estava deitado um homem sujo e decrepito, vítima constante de gozações, conhecido como “Yitschac, o Bêbedo”. As pessoas reclamavam que a única coisa que ele fazia era beber vodca ou cerveja na taberna local e depois cair dormindo em uma

das sinagogas. As crianças se divertiam correndo atrás dele, imitando seu passo desengonçado.

Em uma congelante quinta-feira à noite, quando seis garotos estudiosos estavam sentados em volta do fogão na Sinagoga Halvayat Hamet, um triste charreteiro entrou no recinto, quase congelando, com lágrimas na face virando pedrinhas de gelo.

– Garotos, preciso de ajuda! – implorou o homem. – Eu vinha viajando fora da cidade com o meu cavalo e a minha carroça quando o cavalo escorregou no gelo. Ele deve ter ferido sua perna, pois eu não consigo colocá-lo de pé. Preciso de ajuda para erguê-lo. Tenho mercadorias na carroça que preciso entregar amanhã. Se não conseguir entregá-las, não receberei o dinheiro. Meu cavalo é a minha vida! Por favor, venham e ajudem-me!

Os garotos ouviram sobressaltados o charreteiro e reuniram-se imediatamente, consultando um ao outro. Eles discutiram, pesaram e consideraram a obrigação de ajudar aquele homem desafortunado em relação ao *bitul Torá*, a suspensão do estudo da *Torá*. Talvez o calor e o conforto do *bê midrash* tornou os garotos menos objetivos que o

normal em relação às suas obrigações morais. Além de tudo, pensaram, estavam estudando *Torá*, a mais importante das *mitsvot*. Após a discussão, anunciaram: “Resolvemos que o senhor deve ir a outro lugar procurar ajuda. Nós certamente gostaríamos de ajudar, mas julgamos que temos a obrigação de ficar aqui, pois estamos no meio do nosso estudo de *Torá*.”

Enquanto ocorria a discussão, Yitschac, o Bêbedo, que estava estirado atrás do fogão, ergueu-se para acompanhar os acontecimentos. Quando o carroceiro saía da sinagoga arrasado, Yitschac gritou: “É assim que vocês tratam um homem necessitado?!” Então Yitschac disse nervoso: “Hoje vocês se recusam a ajudar um homem necessitado?! Pois chegará o dia em que seus pés não vão poder carregá-los!”

Os garotos estavam surpresos por Yitschac haver prestado atenção ao que havia ocorrido. Chezkel gargalhou e replicou: “Yitschac, desde quando você virou um “*pascunyac*” (um termo pejorativo para alguém que está em julgamento)?

Yitschac se levantou, deu de ombros e respondeu: “Nu, nu!”, como dizendo: “Espere e verá!”



Os garotos estavam de olhos arregalados com a reação de Yitschac, mas, ainda assim, tentaram retornar aos estudos. Não conseguiram. Um sentimento de culpa por sua falta de sensibilidade tomou conta dos meninos. Depois de quinze minutos, discutiram o assunto novamente e resolveram que, pensando melhor, talvez deveriam sair e ajudar o carroceiro. Eles saíram do *bêt midrash* e foram andando no enregelado frio da noite, entre um vento muito forte. Encolheram-se dentro de seus casacos enquanto andavam na direção de onde eles pensavam que o carroceiro tinha vindo. Começaram examinando casas e prédios onde ele poderia ter entrado atrás de socorro. Mas não tiveram sorte. Finalmente, decidiram ir para a estrada que passava nas imediações da cidade. Já estavam andando quase 20 minutos quando, do meio da escuridão, ouviram gritos angustiados. Ao chegarem

mais perto do local de onde provinha o som, puderam ver o carroceiro sentado na estrada, apoiado em seu cavalo, que morrera congelado. Os garotos ficaram arrasados. Tentaram se desculpar e voltaram para a *yeshivá*, tristes e embaraçados.

Passou-se aproximadamente meio ano após este incidente. Então, numa certa tarde, quando Chezkel estava estudando na *yeshivá*, Yitschac se aproximou dele:

– Posso ter uma palavrinha com você? – disse Yitschac com voz serena.

– Claro, Yitschac. – respondeu o jovem – O que você deseja?

– Chezkel, gostaria que você me fizesse um favor. Esta noite eu abandonarei este mundo e gostaria que você estivesse no meu quarto comigo. – explicou calmamente Yitschac.

– Não seja ridículo! – respondeu Chezkel. – Você bebeu demais!

Yitschac encarou Chezkel bem nos olhos e continuou falando em voz baixa: – Chezkel, isto não é brincadeira. Eu preciso de você em meu quarto esta noite, pois esta é a minha última noite na Terra.

Chezkel fixou seus olhos nos de Yitschac. Estavam claros e sérios, o que não era normal.

– Tudo bem! – Chezkel murmurou incrédulo. – Eu irei. A que horas? E onde você mora?

– Às onze e meia. – disse Yitschac, e deu o seu endereço ao jovem.

Naquela noite, pela primeira vez, Chezkel foi visitar Yitschac, o Bêbedo. Ele morava nos arredores da cidade, onde residiam somente pessoas pobres.

Quando chegou ao endereço descrito por Yitschac, encontrou a porta entreaberta. A casa estava em pandarecos e rangia com o vento. Chezkel subiu as escadas e entrou em um pequeno quar-

CAMESA
a cara da sua casa

PARABENIZAMOS A CONGREGAÇÃO
PELA DIVULGAÇÃO DOS VALORES JUDAICOS

to, que tinha apenas uma cama e uma cadeira. Yitschac já estava deitado em sua cama.

– Obrigado por vir, Chezkel. – disse Yitschac suavemente. – Por favor, sente-se.

– Sim, sim. – assentiu Chezkel, percebendo que aquilo não era nenhuma brincadeira.

– Chezkel, dentro em pouco eu deixarei este mundo e preciso lhe pedir um favor.

– Sim, Senhor Yitschac. – Respondeu o assustado garoto de 15 anos. Agora ele conversava com o “Senhor” Yitschac.

– Eu gostaria de ser enterrado próximo ao conhecido *tsadic* no velho cemitério da cidade.

– Mas como? – Chezkel o interrompeu. – Todos sabem que não existe um único local livre no velho cemitério judaico. Já faz anos que só se usa o novo cemitério! Além disso, seja realista, Senhor Yitschac! As pessoas não permitirão que você seja enterrado lá. Você bem conhece a sua reputação...

– Não se preocupe, jovem rapaz – falou Yitschac com segurança, apontando para uma caixa repleta de manuscritos. – Vai existir um lugar no cemitério. E, além do mais, isso ajudará. Quero que você leve as folhas de papel desta caixa para o *rav* da cidade.

Chezkel percebeu então a caixa cheia de papéis. Sobre os papéis havia um magnífico par de *tefilin* e um belo *talet*. Chezkel estava surpreso. Todos estavam acostumados a ver Yitschac vestido com um *talet* velho e surrado, enquanto este era lindo, e os *tefilin* brilhavam naquele pequeno quarto. Estava ficando óbvio para Chezkel que Yitschac, o Bêbedo, não era o simplório que todos imaginavam. Os dois conversaram por alguns momentos e quando Chezkel garantiu a Yitschac que cumpriria os seus desejos, Yitschac recitou brandamente o *Shemá Yisrael*, fechou os olhos e faleceu.

Segurando de forma firme os papéis em suas mãos, Chezkel deixou o quarto rapidamente, voou pelas escadas e saiu correndo, gritando pelas ruas: “Um *tsadic* morreu, um *tsadic* morreu!” Ele correu o mais rápido que pôde até a casa do *rav* e contou-lhe tudo o que ocorrera. O *rav* verificou os brilhantes manuscritos de natureza mística. Ele estava chocado. Seguramente aquele homem que vivera entre eles, que tinha sido ofendido e frequentemente ridicularizado, era um dos “*lámed vav tsadikim*” – os 36 *tsadikim* excepcionais de cada geração.

A *Chevrá Cadishá* foi convocada e notificada do pedido de Yitschac. “Mas não há lugar no velho cemitério há mais de 30 anos!” exclamaram os homens com olhares atônitos quando o *rav* foi procurá-los. “Ainda assim”, disse o *rav*, “sabendo do que eu sei agora, acho que deveríamos checar se realmente não há espaço”.

Na manhã seguinte Chezkel acompanhou os homens da *Chevrá Cadishá* ao cemitério. Para seu enorme assombro, existia, realmente, um lugar logo ao lado do velho *tsadic*, exatamente como Yitschac dissera que seria. Lá pela hora do almoço, as notícias dos acontecimentos da noite anterior já se haviam espalhado por toda a cidade; uma multidão de pessoas apareceu na *levayat hamet* (cortejo fúnebre) para prestar suas últimas homenagens ao Senhor Yitschac. Todos seguiram o seu caixão, cada um implorando perdão pelo abuso que havia demonstrado para com ele durante toda a sua vida.

* * *

Chezkel tornou-se um grande estudioso da *Torá*, um *talmid chacham*. Foi aluno do *Rav* Leib Chasman (posteriormente *mashguíach* da *yeshivá* de Chevron) quando ele tinha sua *yeshivá* em Stutchin, na Polônia. Depois, Chez-

kel mudou-se para Israel, tornando-se professor na *yeshivá* Chayê Olam, em Jerusalém, e depois fundou a primeira *yeshivá* de Haifa.

Durante as últimas duas décadas da sua vida sofreu de má circulação nas pernas. Acabou acometido por gangrena. Os médicos resolveram, então, amputar a sua perna, com medo de que a doença se espalhasse para o resto do corpo.

Na época que o seu filho se casou, os médicos temiam que a segunda perna de Chezkel também tivesse de ser amputada. Foi aí que Chezkel decidiu contar essa sua história, na esperança de que, narrando-a em público, pudesse ter o mérito de salvar a sua segunda perna. Então, na festa de *Sucot*, durante o *sheva berachot*, as festividades que seguiram o casamento de seu filho, ele a relatou detalhadamente.

No final da narrativa, as pessoas presentes na *Sucá* já estavam surpresas e admiradas com a comovente história. Então, Chezkel terminou o seu relato dizendo em um tom de voz mais baixo: “As palavras de um *tsadic* são como as palavras de um profeta... Nunca esqueci as palavras com as quais Yitschac nos advertiu naquela noite, quando o carroceiro entrou no *bêt midrash*... E, como vocês podem ver, elas se tornaram realidade.” O silêncio na *Sucá* era quase palpável.

* * *

Chezkel nunca precisou amputar a sua segunda perna. Pelo contrário, ele teve uma recuperação tão rápida que os médicos ficaram boquiabertos.

Tradução da história “Ytzechak the Schikker” do livro “The Maggid Speaks”, de autoria do Rav Pessach J. Krohn. Autorizado pela editora Messoria Publications.

Infarto Sozinho

O que uma vítima solitária de infarto pode fazer para salvar-se?

Digamos que, no final de um dia estressante, alguém esteja voltando para casa de carro sozinho. Suponhamos que o indivíduo esteja realmente aborrecido.

De repente, ele sente uma dor muito forte no peito, que se propaga pelo braço e sobe até o queixo.

O hospital mais próximo encontra-se a alguns quilômetros de distância.

O que fazer?

Mesmo que este indivíduo tenha feito um curso de primeiros socorros, provavelmente não aprendeu o que fazer quando a vítima é ele mesmo.

Como conseguir sobreviver a um ataque cardíaco se estiver sozinho?

Sem assistência, a pessoa cujo coração pára de funcionar adequadamente e que começa a sentir que vai desmaiar, tem apenas dez segundos antes de perder a consciência.

O que fazer para sobreviver quando estiver sozinho?

Essas vítimas podem ajudar a si mesmas tossindo com força repetidas vezes. Deve-se inspirar antes de tossir profundamente e prolongadamente – como quando alguém está expelindo catarro de dentro do peito.

A vítima deve repetir a sequência inspirar-tossir a cada dois segundos, até que chegue algum auxílio ou até que o coração volte a funcionar normalmente.

A inspiração profunda leva oxigênio aos pulmões. A tosse contrai o coração e faz com que o sangue circule. A pressão da contração no coração também ajuda-o a retomar o ritmo normal.

Desse modo, uma vítima de um ataque cardíaco pode fazer uma ligação telefônica e, entre as inspirações, pedir ajuda.

Do “Journal of General Hospital Rochester nº 240”

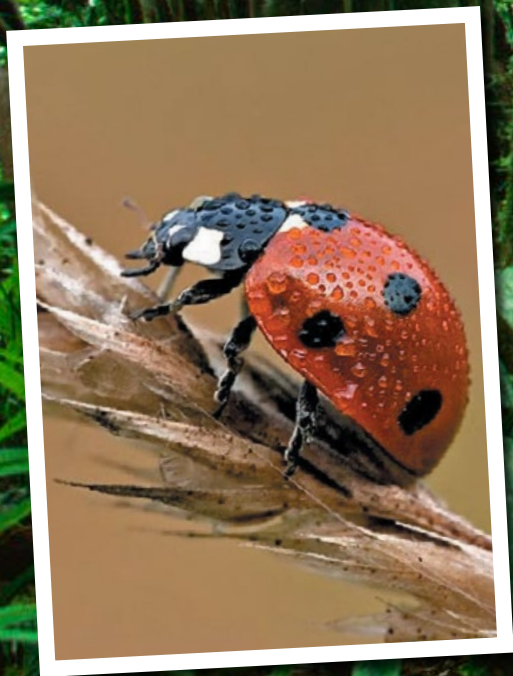
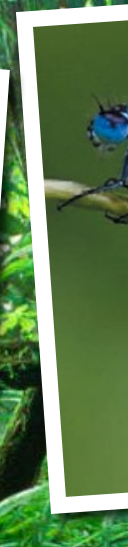
HM
Hecho por Mi
Costura - Crochê

Kissuim
Imperdíveis!

Garanta
já os
seus!

Telefone: 94168-5077

Insetos em Close





Quando o Principal Isenta o Secundário

Rabino I. Dichi

Conceitos de *icar* e *tafel*

1. Quando alguém comer um alimento que é *icar* (principal) junto com outro que é *tafel* (secundário) ou até mesmo se comer o *tafel* (secundário) depois do *icar* (principal), deverá recitar a *berachá* sobre o principal e estará isento de recitar a *berachá* sobre o secundário.

2. Exemplo: ao comer uma torta de morango, de pêsego, etc., o indivíduo deverá recitar somente *Borê Minê Mezonot*, pois a massa é o *icar*, o principal. Com esta *berachá* estará isento da obrigação de recitar *berachá* para as frutas e para o creme. Até mesmo se no fim restar apenas um pouco de creme ou fruta, ele poderá continuar comendo, fundamentado na *berachá* de *Borê Minê Mezonot* que já foi recitada.

3. Mesmo que queira, não é permitido separar o *tafel* (secundário) do *icar* (principal) para recitar duas *berachot* distintas. Se assim fizer, a *berachá* recitada sobre o *tafel* terá sido *levatalá* (em vão).

4. Há dois conceitos de *icar* e *tafel*:

- a) Quando os dois estão misturados;
- b) Quando comer primeiro o *icar* e depois o *tafel*.

Definição de *icar* (principal)

5. Há duas definições para *icar* (principal):

- a) Quando consumimos dois tipos de alimentos dos quais um é o principal e o outro é só para dar gosto ou para melhorar o principal.
- b) Quando os dois são principais, mas há maior quantidade de um do que do outro.

Seguimos a maioria quando os dois alimentos são principais. Porém, se um dos dois

alimentos for mais importante (que é por ele que estamos comendo os dois), mesmo que ele seja a minoria, será considerado o principal. Devemos fazer a *berachá* apropriada e estaremos, dessa forma, isentando o outro da *berachá*.

Se os dois alimentos são importantes

6. No caso de os dois serem importantes, foi mencionado no parágrafo anterior que a *berachá* deverá ser recitada sobre aquele que estiver em maioria. Isso se aplica, mesmo que os dois alimentos são notados nitidamente na mistura.

7. Por conseguinte, uma salada de frutas que contém frutas cuja *berachá* é *Haets* e frutas cuja *berachá* é *Haadamá*, se as duas espécies forem de igual importância para quem estiver comendo, recitará a *berachá* correspondente à maioria. E se estiver comendo a salada de frutas por causa de uma determinada espécie, esta será considerada o principal, mesmo que seja a minoria e recitará a *berachá* referente a ela e isentará o resto.

Se não conseguir definir

8. Se não conseguir definir qual é a maioria entre *Haets* ou *Haadamá*, recitará *Borê Peri Haadamá*.

Uma das cinco espécies na mistura

9. Se estiver comendo alguma mistura de alimentos e nessa mistura houver uma das cinco espécies de cereais: trigo, cevada, espelta, centeio ou aveia, esta será considerada o principal; por isso recitará somente *Borê Minê Mezonot* isentando o resto.

10. Tudo isso somente quando uma dessas cinco espécies tem a função de dar gosto, ou fazer parte da alimentação, pois se sua função for somente para dar liga, não será considerada o principal.

Berachá Acharoná

11. Quando temos uma situação de *icar* e *tafel*, a *berachá acharoná* (posterior) do *icar* isenta também o *tafel* mesmo que seja *berachá acharoná* diferente.

Exemplos:

a) Se um indivíduo comer um pastel de queijo, ou de carne, ou de palmito, quando recitar a *berachá acharoná* sobre a massa do pastel – que é *Al Hamichyá* – estará automaticamente isentando o recheio.

b) O mesmo acontece quando o indivíduo comer uma torta de morango, ou de pêssago, etc. Ao recitar a *berachá acharoná* sobre a massa da torta – que é o principal – estará isentando as frutas.

12. Se ao comer algum alimento que tem *icar* e *tafel*, não ingerir *shiur cazáyit* (27g) do *icar* – e por isso não tem de recitar a *berachá acharoná* sobre o principal – mas sim, comer *shiur cazáyit* (27g) do *tafel*, deverá recitar a *berachá acharoná* correspondente ao *tafel*.

Torta de queijo ou Strudel de maçãs

Exemplo: se alguém comer uma torta de queijo ou *Strudel* de maçãs, e nelas não há massa suficiente para *berachá acharoná* (que seria *Al Hamichyá*, e assim isentaria o queijo ou a maçã de *berachá acharoná*), mas comer *cazáyit* ou mais de queijo ou de maçã, deverá recitar *berachá acharoná* correspondente ao queijo e à maçã que é *Borê Nefashot*.

Vinho

13. Ao recitar a *berachá* sobre o vinho, o indivíduo isentará todos os líquidos que quiser beber – líquidos estes que devem estar perante ele ou que pelo menos tenha pensado em consumi-los – quando recitar a *berachá* de *Borê Peri Haguêfen*. Para maiores detalhes, vide capítulo 14, parágrafos 2 e 4.

14. Neste caso quando o indivíduo beber menos de 86ml de vinho – e por isso não poderá recitar a *berachá acharoná* correspondente *Al Haguêfen Veal Peri Haguêfen* – mas beber 86ml de outros líquidos, deverá recitar a *berachá acharoná* correspondente a esses outros líquidos, que é *Borê Nefashot*. Vide capítulo 14, parágrafo 8.

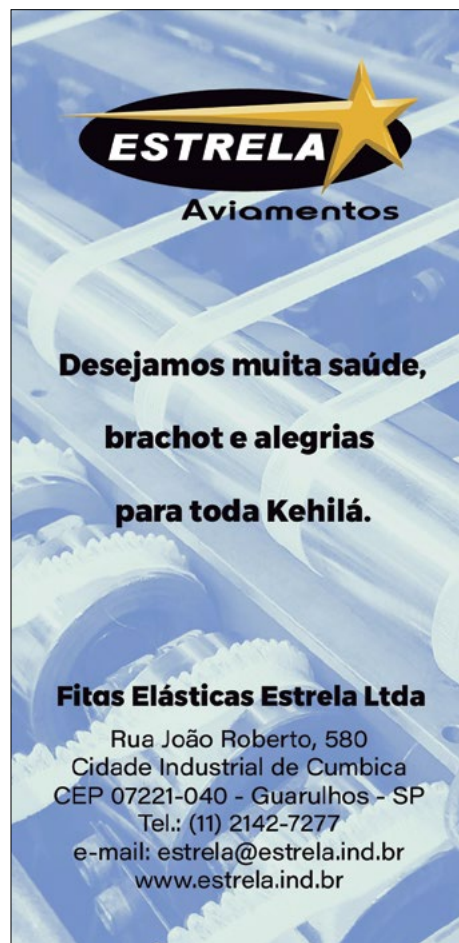
15. Um outro exemplo de *icar* e *tafel*: quando o indivíduo comer algum alimento salgado e para abrandar o gosto de sal desse alimento, consome-o junto com um pedaço de pão, não terá necessidade de recitar a *berachá* sobre o pão, pois ele é *tafel* na presença do alimento salgado, e a *berachá* recitada sobre o alimento salgado isenta o pedaço de pão de sua *berachá*.

De qualquer maneira, os *possekim* recomendam não comer o pão como secundário, pois pode ser que o indivíduo está sim comendo o pão para se satisfazer e então seria necessário fazer *netilat yadáyim* e *berachá* de *Hamotsi*.

Pão ou bolacha e Hering

16. Ao comer pão e *Hering*, o indivíduo deverá recitar a *berachá* sobre o pão e, com isso, isentar o *Hering* de *berachá*.

E o mesmo deve ser feito quando comer bolacha com *Hering*: deverá recitar a *berachá* *Borê Minê Mezonot* sobre a bolacha e dessa maneira isentará o *Hering* de *berachá*.



ESTRELA
Aviamentos

**Desejamos muita saúde,
brachot e alegrias
para toda Kehilá.**

Fitas Elásticas Estrela Ltda
Rua João Roberto, 580
Cidade Industrial de Cumbica
CEP 07221-040 - Guarulhos - SP
Tel.: (11) 2142-7277
e-mail: estrela@estrela.ind.br
www.estrela.ind.br



**O judaísmo
mais perto de você!**

editora & livraria
SEFER
A LIVRARIA JUDAICA DO BRASIL
www.sefer.com.br

**Alameda Barros, 735 | tel. 11 3826-1366
www.sefer.com.br**



IPL
INCORPORADORA PAULISTA LTDA.

IP

Massas e líquidos

17. Quem comer um pedaço de bolo ou qualquer outro tipo de massa sobre a qual se recita a *berachá* de *Borê Minê Mezonot* e beber junto chá, café, algum suco ou refrigerante, sobre os quais se recita a *berachá* de *Shehacol Nihyá Bidvarô*, deverá recitar a *berachá* correspondente a cada um dos dois, recitando primeiro a *berachá* de *Borê Minê Mezonot* e depois a *berachá* de *Shehacol*.

Biscoito (ou massas Mezonot) com queijo

18. Quem comer um biscoito (ou qualquer massa sobre a qual se recita *Mezonot*) com queijo ou com qualquer outro alimento que acompanhe o biscoito, deverá recitar a *berachá* de *Borê Minê Mezonot* e assim estará isentando o queijo ou qualquer outro alimento que acompanha o biscoito que consumir junto com a bolacha. Outros exemplos: atum, *Hering*, patês, etc. Se houver *shiur* de massa sobre a qual se recita *Mezonot*, deverá recitar a *berachá* posterior de *Al Hamichyá* e se houver *shiur* do *tafel*, deverá recitar a *berachá* posterior de *Borê Nefashot*. Vide neste capítulo, parágrafo 12 – exemplo.

Panquecas recheadas

19. Ao comer pancakes recheadas com qualquer alimento como queijo, milho, carne, palmito, etc., a *berachá* de *mezonot* deverá ser recitada sobre a panqueca e, dessa forma, o recheio será isentado.

Arroz com feijão

20. Se comer arroz misturado com feijão, ou qualquer outra leguminosa (ou hortaliça), e o arroz for maioria, recitará a *berachá* de *Borê Minê Mezonot* sobre o arroz e não deverá

recitar a *berachá* correspondente ao feijão, ou a outra leguminosa. Mesmo que nessa mistura haja também pedaços pequenos de carne, estes estarão incluídos na *berachá* de *Borê Minê Mezonot*. Porém, se nesse prato houver uma porção de carne ou frango, deverá recitar a *berachá* de *Shehacol*.

21. Contudo, se o arroz e a leguminosa (ou hortaliça) estiverem separados no prato, deve-se recitar as *berachot* sobre cada um deles separadamente (no caso *Borê Minê Mezonot* para o arroz e *Borê Peri Haadamá* para as leguminosas ou hortaliças). E se houver uma porção de carne ou de frango no prato, deve-se recitar também a *berachá* de *Shehacol* sobre ela.

Panados apenas com farinha ou à milanesa

22. No caso de bife, frango, ou peixe panados apenas com farinha de trigo ou com farinha de rosca, ou até mesmo panados à milanesa (passados no ovo e em seguida na farinha de rosca) para fritar, a *berachá* dependerá do motivo pelo qual a farinha foi utilizada. Se ela foi colocada apenas para que o bife, frango ou peixe não grude na frigideira, ou para que o bife tenha uma boa apresentação, a *berachá* será *Shehacol*.

Porém se o bife, frango, ou peixe foram panados para que a massa desse sabor a eles, ou se para transformar aquele bife em algo mais substancial, a *berachá* será *Borê Minê Mezonot*, pois nestes casos prevalece a farinha das cinco espécies (trigo, cevada, espelta, centeio e aveia).

Bolo de sorvete e cassata

23. Deve-se recitar a *berachá* de *Borê Minê Mezonot* sobre sorvete que está entre dois pedaços

grossos de bolo, dessa forma, isentando o sorvete da *berachá* de *Shehacol*. Se a massa da cassata for bem delgada como uma folha de *Wafer*, a *berachá* correta será *Shehacol*.

Sorvete de casquinha

24. Há várias opiniões nos *possekim* quanto ao sorvete de casquinha: se a casquinha é *tafel* (secundária) ao sorvete ou não. Ou seja, há aqueles que não tomam o sorvete de casquinha somente por causa do sorvete, mas também por causa da casquinha, a ponto de quererem comê-la sozinha no fim, ao terminar o sorvete. Há porém quem sustente, que mesmo assim ela é *tafel* (secundária) e a isentamos com o *Shehacol* do sorvete. Já há aqueles que dizem que nesse caso, haveria a necessidade de recitar uma *berachá* individual de *Borê Minê Mezonot*.

Se quando o sorvete estiver terminando, o indivíduo introduzi-lo para dentro da casquinha e comer os dois juntos, parece-nos que há um consenso (conformidade de opiniões) de que a *berachá* deva ser *Shehacol* sobre o sorvete, isentando dessa forma a casquinha.

Observações:

1) Há casquinhas que são feitas de outras farinhas que não a das cinco espécies (por exemplo, com fécula de mandioca) e por isso, a *berachá* de *Shehacol* a isentará de qualquer maneira.

2) Se a função da casquinha é apenas conter o sorvete, permitindo dessa forma que o seguremos e quando terminar o sorvete, o indivíduo come o que sobrar da casquinha simplesmente por estar lá de qualquer forma, isentamos a casquinha com a *berachá* de *Shehacol* do sorvete.

Do livro “Veten Berachá”.



Quando Estiver Velhinha

Quando eu estiver velhinha, vou morar um pouco com cada um de meus filhos.

Darei a eles tantas alegrias... Como as que eles me deram...

Quero retribuir tudo o que recebi deles, fazendo as mesmas coisas!

Oh, eles vão adorar!

Escreverei nas paredes com lápis de cores diversas, pularei nos sofás de sapatos e tudo.

Beberei das garrafas e deixarei-as fora da geladeira.

Entupirei de papel as privadas... e como eles ficarão bravos!

Quando estiverem ao telefone e não puderem me ver, aproveitarei para brincar com açúcar ou água sanitária.

Eles vão balançar suas cabeças e correr atrás de mim, mas eu estarei escondida embaixo da cama!

Quando me chamarem para o jantar que eles fizerem, não vou comer as verduras, as saladas ou a carne. Vou engasgar com o quiabo e derramar leite na mesa.

E quando eles se zangarem, correrei – se ainda for capaz...

Quando eu tirar minhas meias, sempre perderei um pé.

Também vou brincar na lama até o final do dia!

E mais tarde, já deitada, agradecerei a D'us por tudo e fecharei meus olhos. Então meus filhos olharão para mim com um meio sorriso e dirão: “Ela é tão doce quando está dormindo!...”.

Será?!

Sucos Para a Vida

Doze sugestões de sucos naturais para seu bem-estar. Verifique cuidadosamente as frutas e verdura quanto à existência de vermes e insetos. Utilize sempre o “insetoscópio” para a verificação sempre que necessário.

Suco Antiinsônia

Indicação: A maçã e a salsa são sedativos naturais, calmantes e eficazes no controle da insônia.

Ingredientes: 3 folhas de couve, 4 cenouras, 1/2 maçã e 1 punhado de salsa.

Modo de preparo: Centrifugue a couve, as cenouras e a maçã. No suco já preparado, acrescente a salsa, mexendo com a colher.

Suco Antiestresse

Indicação: A pêra é rica em fibras e ajuda a hidratar. O lêvedo de cerveja e a banana estimulam o bem-estar. O morango é calmante.

Ingredientes: 2 copos de água, 10 morangos, 1/2 pêra rígida, 1 banana madura, 1 colher (sopa) de lêvedo de cerveja.

Modo de preparo: No liquidificador, bata as frutas com água. Por último, acrescente o lêvedo de cerveja, misturando com a colher. Enfeite com um morango.

Suco Emagrecedor

Indicação: A maçã e a cenoura ajudam na digestão. A beterraba auxilia a circulação do sangue. As algas (compre algas kesherim) contribuem para inibir a fome, estimulando a saciedade.

Ingredientes: 1 punhado pequeno de algas secas, 1 beterraba, 1/2 maçã e 4 cenouras.

Modo de preparo: Centrifugue todos os alimentos, menos a alga, que deve ser batida com o suco no liquidificador. Enfeite o copo com um pedaço de maçã.

Suco Digestivo

Indicação: A maçã e o kiwi, ricos em fibras, favorecem a digestão e estimulam o funcionamento do intestino.

Ingredientes: 1 kiwi firme, 1 maçã verde, 1 rodela de kiwi.

Modo de preparo: Passe as frutas na centrífuga e enfeite o copo com a rodela de kiwi.



Suco Anticelulite

Indicação: O pepino hidrata, pois é rico em água. Também é desintoxicante e, com a ajuda da beterraba, que auxilia a circulação sanguínea, colabora para varrer as toxinas das células. O resultado é uma pele mais uniforme. Já a maçã facilita a digestão e a cenoura contribui para o bom funcionamento do intestino.

Ingredientes: 1/2 pepino, 1 beterraba, 1/2 maçã e 4 cenouras.

Modo de preparo: Passe todos os ingredientes na centrífuga. Enfeite com um palito de cenoura.



Suco Antidepressão

Indicação: A beterraba e o espinafre auxiliam a circulação do sangue, o que estimula as funções cerebrais e acalma os nervos. O espinafre ainda estimula os movimentos peristálticos do intestino, regularizando-os. A maçã e a cenoura facilitam a digestão.

Ingredientes: 3 beterrabas, 1 punhado de espinafre, 4 cenouras, 1/2 maçã, 1 punhado de salsa.

Modo de preparo: Passe todos os ingredientes na centrífuga, menos a salsa. Acrescente-a ao suco já pronto, misturando com uma colher. Enfeite com um ramo de salsa.



Suco Antienxaqueca

Indicação: O alho auxilia a digestão e colabora para eliminar toxinas. Rico em sódio, o aipo hidrata, ajuda a acalmar e diminuir a dor, porque colabora com a circulação sanguínea. Já a salsa auxilia a digestão.

Ingredientes: 4 cenouras, 1 dente de alho, 2 talos de aipo, 1 punhado de salsa.

Modo de preparo: Centrifugue todos os ingredientes. Só a salsa deve ser acrescentada por último, sendo misturada com a colher. Enfeite com um ramo de salsa.



Suco Antifadiga

Indicação: O salsão e a erva-doce estimulam o poder de transporte de oxigênio na corrente sanguínea, proporcionando uma onda instantânea e prolongada de energia. A cenoura, rica em fibra, auxilia a digestão e o funcionamento do intestino.

Ingredientes: 4 cenouras, 1 ramo de salsão e 2 ramos de erva-doce.

Modo de preparo: Centrifugue a cenoura e, no liquidificador, bata o suco com o salsão e a erva-doce. Enfeite com um ramo de erva-doce.

Suco Diurético

Indicação: A laranja funciona como diurético. A melancia é rica em fibra, o que ajuda a eliminar as toxinas através das fezes e da urina.

Ingredientes: 1 laranja sem casca, 2 fatias de melancia e 1 raminho de hortelã.

Modo de preparo: Na centrífuga, passe a laranja e a melancia. Enfeite o copo com a hortelã.

Consultoria:

livros “Sucos Para A Vida”, de Cherie Calbom e Maureen Keane, editora Ática e “As Vitaminas do Futuro”, de Wilson Camargo, editora Mauad.

Um Desafio

1

Têrach, o pai de Avraham:

- a) Viveu 75 anos e faleceu em Ur Casdim.
- b) Viveu 95 anos e faleceu em Kenáan.
- c) Viveu 125 anos e faleceu em Beer Sheva.
- d) Viveu 205 anos e faleceu em Charan.

2

Quantos anos tinha Avraham quando nasceu seu filho Yitschac?

- a) Quarenta.
- b) Sessenta e cinco.
- c) Noventa.
- d) Cem.

3

Os descendentes de Lot:

- a) Gregos e romanos.
- b) Amonitas e Moavitas.
- c) Babilônicos e Persas.
- d) Egípcios.

4

Quantos anos viveu Yitschac Avínu?

- a) 70.
- b) 120.
- c) 180.
- d) 965.

5

O sogro de Yaacov:

- a) Lavan.
- b) Têrach.
- c) Betuel.
- d) Nenhuma das anteriores.

6

São filhos de Yaacov e Rachel:

- a) Gad e Naftali.
- b) Menashê e Efráyim.
- c) Levi e Yehudá.
- d) Yossef e Binyamin.

À Sua Sabedoria



Essav também é chamado de:

- a) Amon.
- b) Tsafenat.
- c) Edom.
- d) Moav.



No Egito, Yossef ficou preso durante quantos anos?

- a) Dois.
- b) Cinco.
- c) Doze.
- d) Vinte.



Os Filhos de Yossef:

- a) Reuven e Shim'on.
- b) Menashê e Zevulun.
- c) Zevulun e Binyamin.
- d) Menashê e Efráyim.



A esposa de Moshê:

- a) Tsiporá.
- b) Miryam.
- c) Yochêved.
- d) Diná.



Filho mais velho de Moshê:

- a) Menashê.
- b) Guereshom.
- c) Binyamin.
- d) Eliêzer.



Depois de fugir do Faraó, chegando em Midyan:

- a) Moshê salvou sete irmãs que estavam próximas ao poço de água.
- b) Moshê tirou sozinho uma enorme pedra que tampava um poço.
- c) Moshê construiu um poço de água para seu sogro Yitrô.
- d) Moshê pediu a Yitrô que tampasse um poço de água.

Respostas: 1-D, 2-D, 3-B, 4-C, 5-A, 6-D, 7-C, 8-C, 9-D, 10-A, 11-B, 12-A.

Uma Criatura Viva

A importância da fala

Rabino I. Dichi

O Nível do Ser Humano

O versículo de *Parashat Bereshit* que menciona a criação do homem diz o seguinte (Bereshit 2:7): “(D’us) soprou em suas narinas um sopro de vida. O homem tornou-se assim uma criatura viva.” Unkelus traduz este versículo da seguinte maneira: “transformou o homem em uma criatura falante”. D’us insuflou uma alma no homem e, como resultado, o homem mereceu o nível de “*medaber*” – falante. A fala testemunha a grandeza da alma do homem e o fato de o Próprio D’us ter colocado nele Sua marca – “Quem sopra – sopra de si próprio”.

Tentaremos explicar o nível especial do dom da fala, de acordo com o que o *Gaon Hatsadic Rabi Avraham Gordon zt”l* escreveu em seu livro *Nêfesh Chayá*.

Sabemos que os outros seres vivos também dispõem da possibilidade de transmitir sons, por meio dos quais expressam suas diversas vontades. Primeiramente, é importante frisar que existe uma diferença essencial entre “som” e “fala”. A emissão de sons, mesmo que seja para expressar vontades e aspirações, ainda não é considerada uma fala que provém da alma e que expressa seu discernimento, como será explicado.

Os animais não possuem compreensão (*dáat*), cujo significado é o discernimento entre o bem e o mal, entre o desejável e permitido e o proibido. Os seres vivos só dispõem de von-

tades e impulsos, cujas fontes são seus desejos, seu instinto de vida e de sobrevivência. Para estes objetivos, eles utilizam sons que expressam medo, fome, saciedade e outras necessidades e sentimentos.

O conhecimento nada tem a ver com estes sons, que se assemelham mais aos sons emitidos pelo homem em momentos de susto, surpresa e similares. “Os filhotes de leão urram pela presa” (Tehilim 104:21). O rugido dos leões é muito bem compreendido por todos os ouvintes como o desejo por uma presa. É assim que os animais transmitem suas vontades, um para o outro e para os homens, sem precisar do dom da fala – porque não foram abençoados com o discernimento. Este último é a característica básica do homem, expressando seu alto nível e sua proximidade com seu Criador.

O conhecimento é o que separa, de um modo essencial, o ser humano dos animais – e ele é expresso na fala. Há vezes que a fala é longa e profunda, demonstrando, assim, a profundidade da alma e a fonte de onde fluem os pensamentos do homem.

“E que todos os seus atos sejam realizados em nome dos céus”

Com a criação do ser humano, D’us teve a intenção de dar existência à mais perfeita das criaturas; que fosse diferenciada de todas as outras, pelo fato de todas suas vontades e anseios

passarem pelo crivo do discernimento.

Mesmo os anseios naturais, que derivam do instinto de sobrevivência ou de outras características naturais do homem, quis o Criador que estivessem ligados inexoravelmente à fonte do discernimento, em vez de serem influenciados exclusivamente pelos instintos e vontades corporais e terrenos.

Este é o nível indicado por nossos sábios quando dizem (Pirkê Avot 2, 12): “e que todos os seus atos sejam realizados em nome dos Céus (*leshem shamáyim*)”. Explica o *Shulchan Aruch* (siman 231), que tudo o que uma pessoa faz – como comer, beber, passear, etc. – deve ser feito com a intenção de armazenar forças para o serviço de D’us. Ou seja: que o indivíduo se alimente para ficar forte para servi-Lo; durma, para recuperar as forças e se revigorar com a mesma intenção – e não por preguiça – e outros exemplos.

Assim, os atos do ser humano serão completamente diferentes daqueles dos animais. Eles serão executados não em prol de assuntos mundanos ou do preenchimento da vontade – e sim para o cumprimento da vontade Divina. O nível do homem será tal, que o discernimento que ele possui – que conhece seu Criador e anseia por elevação espiritual – estará mesclado a todos os atos, imprimindo sobre eles seu carimbo espiritual.

O ser humano – a coroa da Criação

Está escrito na *Torá* (Bereshit

4:1): “E o homem conheceu Chavá, sua mulher”. *Rashi* comenta que isso aconteceu antes do pecado da Árvore do Conhecimento. Naquela hora, todos os atos do homem fluíam da fonte do conhecimento, sem que estivessem misturados a qualquer tipo de sentimentos e ao mau instinto (veja o comentário de *Rashi* sobre *Bereshit* 2:25). Todas as ações, mesmo aquelas que hoje nos parecem materiais e provenientes de anseios mundanos, eram atos de santidade e mandamentos Divinos, sem nenhuma mescla de desejos ou sentimentos baixos.

Todos os atos de Adam *Harishon* eram tão santos como a colocação de *tefilin* e *tsitsit* por nós, pois eles eram feitos a partir do discernimento e da ligação à sua fonte superior.

Esta era, na prática, a intenção de D’us ao criar o homem – que este fosse extremamente elevado e que tratasse apenas de conceitos elevados; ou seja, que todos seus atos fossem executados em nome dos Céus, do modo mais exaltado possível.

Infelizmente, o homem fracassou no cumprimento da proibição de comer da Árvore do Discernimento e o *yétser hará* (mau instinto) penetrou nele. A partir de então, seus atos já não são mais tão puros e isentos de qualquer mistura com coisas materiais como instintos, desejos e anseios mundanos.

É muito relevante ressaltar que, apesar de toda a espécie humana ter decaído de nível, é importantíssimo conhecer o nível primordial que ela tinha para servir a D’us.

Aquele que se considera desprezível, inferior, inábil e incapaz, é condenado ao fracasso. A auto-estima negativa que possui o impedirá de se desenvolver e chegar a resultados consideráveis. Suas aspirações serão fracas, seus atos também, e os resultados virão de acordo com isso.

Em oposição a esse quadro, aquele que conhece bem as forças que lhe foram outorgadas pelo Criador e sabe qual é seu valor e quão preciosa é sua alma, extraída dos tesouros celestes, se esforçará mais, escapará das ciladas do pecado e não esmorecerá frente às dificuldades e aos testes que aparecem em seu caminho.

Eis que nossos sábios nos revelam o grande nível do homem no princípio de sua criação, que em certos aspectos era maior que o dos anjos. Antes de pecar, mesmo os atos que são conhecidos por nós como mundanos (e mesclados ao pecado) eram inteiramente santos e comparados às *mitsvot*, os mandamentos Divinos.

O conhecimento disso é capaz de expandir muito nossas aspirações e de impedir que pequemos, pois o pecado não combina com a nobreza do nível de nossa alma. É importante que o ser humano saiba que, apesar da enorme queda que sofreu, este nível, essencialmente, mantém-se oculto – e dele se compõe a verdadeira essência do indivíduo.

A gravidade do pecado

Por outro lado, aprendemos desta passagem o enorme estrago e a tremenda destruição que são causados pelo pecado.

Nossos sábios se estendem na descrição da *teshuvá* (retorno) que Adam *Harishon* empreendeu após haver pecado. Ele distanciou-se de sua esposa por 130 anos, afligiu-se, privou-se de prazeres materiais e esforçou-se para expiar seu pecado e retificar os estragos que causou.

Apesar de tudo isso, ele não conseguiu retornar ao seu nível original. Até que venha a redenção total, o tempo no qual tudo será plenamente retificado, não poderá o ser humano atingir tais alturas espirituais. Até lá, os atos do homem já não serão como no passado:

provenientes apenas do discernimento do homem, sem desvios mundanos, inteiramente santos e puros.

Vemos daqui quão grande é a extensão maléfica dos efeitos do pecado, quanto ele rebaixa o homem de sua grandeza, quase não lhe deixando a possibilidade de uma expiação plena e integral.

É verdade que, logo após a descrição do pecado, está novamente escrito (*Bereshit* 4:25): “E conheceu o homem sua mulher novamente”. Nossos sábios ensinam, no entanto, que se somou mais desejo ao desejo que ele já tinha, voltando Adam então a sua esposa após uma separação de 130 anos (*Bereshit Rabá* 23, 4 – trazido também no *Rashi* sobre o versículo acima citado). Seus atos não vieram mais apenas a partir do discernimento, como antes.

O estado anterior das coisas foi irremediavelmente danificado. É óbvio que é possível melhorar a situação, expiar o pecado e impedir o castigo e a fúria Divinos – mas o dano permanece.

Convém ressaltar que o poder da *teshuvá* é enorme e não há nada que possa impedi-la. Porém, quanto maior é o pecado, maior precisa ser a *teshuvá*. Assim também escreve o *Rabênu Yoná* no *Shaarê Teshuvá*, primeiro portão, capítulo 9: “(Isto é) como uma roupa que precisa ser lavada. Mesmo uma pequena lavagem é capaz de retirar a sujeira, mas ela ficará tanto mais branca quanto mais for lavada”.

O pecado de Adam *Harishon* era, pelo visto, tão essencial, que é necessária uma *teshuvá* tão comprida, profunda e prolongada, para sua total retificação.

O desejo retira o ser humano do mundo

Para demonstrar concretamente o poder de avaria do pecado, trare-

mos as palavras de nossos sábios no *Pirkê Avot* (4, 21): “O desejo retira o ser humano do mundo”. O verdadeiro significado destas palavras não é que isso ocorre como um castigo – ou seja, que o desejo é tão grave que a pessoa merece o rigoroso castigo Divino de se ver retirada do mundo – e sim que isso é o que realmente acontece com ela. Quando uma pessoa se liga ao desejo e às forças mundanas a ele relacionadas, ela se liga ao extermínio.

A natureza do que é espiritual é ser eterno e duradouro. Em contraposição a isso, o que é material é temporário e avança em direção a sua destruição total. Portanto, quando o indivíduo está ligado ao desejo, ele lentamente aniquila a si próprio e se retira do mundo.

Ao refletirmos sobre isso, percebemos o enorme abismo que separa entre o que era feito antes do pecado e o que é feito depois dele. Antes do pecado, os atos eram inteiramente santos, provinham do discernimento e tinham uma fonte pura. Após o pecado, em compensação, os atos estão ligados ao desejo, que aniquila o corpo e a alma e retira a pessoa do mundo.

O nível de elevação da fala

Retornemos agora ao assunto com o qual iniciamos: a diferença entre o ser humano – “a coroa da Criação” – e os animais. O ser humano, como foi explicado, necessita da fala para expressar os tesouros de compreensão e discernimento que possui em si. Tanto os atos como a fala do ser humano devem manifestar seus bons pensamentos e ser provenientes de uma fonte santa.

Os animais, por outro lado, cujos atos estão todos ligados a assuntos meramente mundanos, necessitam

apenas de instrumentos de expressão terrestres, por meio dos quais eles agem, satisfazem suas vontades e suas necessidades de sobrevivência.

Concluimos, então, que os instrumentos de expressão demonstram também a fonte do que expressam. No ser humano, essa fonte é extremamente elevada e exaltada.

Nas bênçãos recitadas pela manhã (*Birchot Hasháchar*), agradecemos a D'us pelas maravilhosas dádivas que Ele nos concedeu: a capacidade de abrir os olhos, de andar, de manter a postura ereta e muito mais. Porém, justo sobre a capacidade de falar, que é tão essencial e importante, não foi instituída uma bênção!

Isso pode ser elucidado de uma maneira muito clara, de acordo com o que explicamos anteriormente.

A fala provém do discernimento, do poder especial colocado por D'us dentro do ser humano, que lhe permite diferenciar entre o bem e o mal, entre a luz e a escuridão. A primeira destas bênçãos matinais, instituídas por nossos sábios, fala justamente sobre o discernimento: “Que deu ao ‘*sê-chvi*’ (coração; vide *Iyov* 37:36 – *Rashi* e *Metsudot*) discernimento, para diferenciar entre o dia e a noite”. O “*sê-chvi*” diz respeito ao discernimento que possuímos.

O agradecimento pela fala está, portanto, contido na bênção recitada sobre o discernimento.

“Pois ouviste a voz de tua mulher”

Explicamos a diferença entre voz e fala. A fala é ligada ao discernimento e exprime a sublimidade e a diferença entre o bom e o melhor ainda. A voz, no sentido de som, é mais simples, terrena e é comum também aos animais, que expressam seus desejos e instintos por meio dela.

À primeira vista, há uma contra-

dição entre essa idéia e a linguagem utilizada pela *Torá*, logo após o pecado de Adam e Chavá (*Bereshit* 3:17): “pois ouviste a voz de tua mulher”. Aqui, é a palavra “voz” que designa a fala do ser humano!

Observando atentamente, porém, percebemos que isso vem transmitir a mesma idéia que trouxemos anteriormente. As palavras da mulher, neste caso, eram o extremo oposto da vontade de D'us – que ordenou a eles não comerem da Árvore do Discernimento. Elas derivaram de suas vontades e desejos, conforme está escrito (*Bereshit* 3:6): “e viu, a mulher, que a árvore era boa para comer e desejável aos olhos, etc.”.

Mesmo a fala humana, quando provém de tais fontes, tem apenas o nível de “voz”, pois o discernimento não está associado a ela.

No livro *Orchot Chayim*, de autoria do *Rosh*, consta o seguinte: “Não fique berrando como um animal”. Em uma interpretação simples, há aqui um comando para não gritar ou falar em voz alta, sem controle, como fazem os animais. Deve-se falar em voz baixa, como é apropriado a um ser humano.

De acordo com o que explicamos, porém, podemos acrescentar aqui outra explicação. A pessoa não deve falar como os animais, sem discernimento e sem pensamento prévio. Todas as suas palavras devem ser proferidas com ponderação e sabedoria, refletindo os propósitos de seu coração e o caminho espiritual por intermédio do qual ela se aproxima, a cada dia, de D'us.

A fala, que expressa o discernimento, os atos e os pensamentos do indivíduo, é capaz de auxiliá-lo a ascender a cumes espirituais elevados e aproximá-lo do nível que a humanidade tinha antes do primeiro pecado. ■



Um Sorriso

Um sorriso não custa nada... mas vale muito! Enriquece aquele que o recebe sem deixar mais pobre quem o dá.

Um sorriso leva somente um instante. Entretanto, a lembrança dele pode durar para sempre. Ninguém é tão rico ou poderoso que pode passar sem ele. E ninguém é tão pobre que não possa tornar-se rico por meio dele.

Um sorriso traz alegria para a casa, gera boa vontade no trabalho. É o recibo de uma amizade.

Um sorriso causa sossego e descanso a quem está exausto. Traz conforto e encorajamento a quem está desanimado. É um raio de sol a quem está triste; o melhor antídoto para quem está com problemas.

Um sorriso não pode ser comprado, emprestado, implorado ou roubado. É algo que não tem valor algum até ser presenteado a alguém.

Algumas pessoas estão muito cansadas para lhe dar um sorriso. Dê, então, você a elas. Ninguém precisa tanto de um sorriso como aquele que não tem um para dar.

Meor Hashabat Semanal



Shabsi e David

Esta história verídica, impressionante e comovente, demonstra o benefício que pode trazer a simplicidade e o afeto no relacionamento com o próximo.

Em Israel é muito comum o fato de pessoas bondosas oferecerem de seu tempo para trabalhar como voluntárias em instituições benéficas.

Sendo assim, o jovem David (nomes fictícios) trabalhava algumas horas por semana prestando todo tipo de ajuda em um lar de idosos.

Nesta instituição estava internado há vários anos um senhor chamado Shabsi. Ele era uma pessoa bem relacionada, com vários amigos no local.

Normalmente Shabsi era uma pessoa calma e amável. Praticamente não sorria, mas era cordial. No entanto, havia um assunto que o tirava do sério. Quando o chamavam para rezar, ele esbravejava de forma mais que irritada. Quando mencionavam o fato de colocar *tefilin*, aí sim, Shabsi saía do sério.

O jovem David era muito querido por todos na instituição. Sempre prestativo e gentil, procurava a melhor forma de ajudar durante as horas que permanecia no lar de idosos.

Com o tempo, Shabsi e David tornaram-se amigos. Shabsi já contava com uma idade avançada e só se locomovia com o auxílio de uma cadeira de rodas. Assim, frequentemente contava com a ajuda de David para uma ou outra tarefa.

Por várias vezes David teve a oportunidade de presenciar os brados irados de Shabsi com seus colegas que o chamavam para rezar e para cumprir a *mitsvá* de colocar *tefilin*.

Certa vez, ao visitar Shabsi, o jovem David tomou a liberdade de tocar no assunto com seu amigo.

Amável como sempre, começou a abordar o tema com muito cuidado:

– Senhor Shabsi – disse o jovem. – Desculpe-me se é muito intrometido de minha parte este tipo de questio-

namento, mas existe algo que eu nunca entendi nestes anos que trabalho aqui.

– Pois não, querido – falou Shabsi. – Não se acanhe. Se eu puder ajudá-lo, será um prazer.

– Bem, o senhor é uma pessoa muito gentil e educada com todos. Seus colegas só lhe prestam elogios. Eu também sinto muito carinho pelo senhor. A única coisa que não entendo é o seu desagrado quando o convidam para rezar. Afinal de contas, seus amigos querem apenas o seu bem...

– Querido David – disse o senhor, transformando o sorriso de seu rosto em um semblante sério e introspectivo. – Nós já nos tornamos bons amigos, não é? Pois eu vou lhe contar uma história que nunca contei para ninguém daqui:

“Quando eu tinha apenas doze anos de idade, eu estava preso em um campo de concentração nazista. Sei que todos os campos de concentração eram piores que o inferno... Mas o campo em que eu estava preso era muito, muito pior do que isso. Você não pode imaginar as torturas e o sofrimento que os nazistas, *yimach shemam*, causavam para nós. Nós éramos tratados de maneira sub-humana. Trabalhávamos a maior parte do dia e dormíamos muito pouco. Praticamente não comíamos e corríamos risco de vida a cada instante.

“Lembro-me muito bem de meu pai naquele campo. Sua fé era inabalável. Aceitava todos os sofrimentos sem reclamar e ainda tentava consolar a todos. O Nome de D'us sempre estava em seus lábios.

“No barracão em que estávamos alojados, havia um homem que, surpreendentemente, possuía um *tefilin shel rosh* (o *tefilin* que se coloca na cabeça). De alguma forma ele conseguiu conservar entre seus pou-

cos pertences esta raridade naquelas circunstâncias. Todos sabiam da existência do *tefilin*. Sabiam também que colocar o *tefilin shel rosh*, mesmo quando não se tem o *tefilin shel yad* (o *tefilin* que se coloca no braço), é uma grande *mitsvá*. Além disso, ninguém tinha dúvida que, se os nazistas descobrissem a existência do *tefilin*, todos no barracão correriam grande risco de vida. Ainda assim, quase todos os homens do nosso alojamento conseguiam encontrar alguns segundos do dia para colocar o *tefilin* às escondidas.

“Quando faltavam alguns meses para o meu *bar mitsvá*, papai começou a planejar como comemoraríamos esta data – qual presente ele me daria.

“Corriam rumores de que, do outro lado do campo de concentração, alguém possuía um *tefilin shel yad*. Papai começou a investigar a informação e planejar como faria para buscar este *tefilin* no dia de meu *bar mitsvá*. Este seria meu presente: ao menos no dia de meu *bar mitsvá* eu colocaria os *tefilin* da melhor maneira: primeiro o da mão e depois o da cabeça.

“Quando chegou o grande dia, eu me sentia apreensivo, eufórico e apavorado. Será que correria tudo bem? Papai conseguiria encontrar o *tefilin* e voltar são e salvo para nosso alojamento?

“Meu pai, destemido e confiante, pôs o plano em prática. De madrugada escondeu-se dos nazistas e conseguiu, pouco a pouco, chegar até o barracão do dono do *tefilin shel yad*. Lá, explicou a situação para o homem. Disse que era o dia mais alegre de sua vida e que precisava dar este presente para seu filho. Hoje o menino colocaria os dois *tefilin*, assim como todos naquele barracão fizeram nos respectivos dias em que completaram treze anos. Papai já tinha tudo planejado e,

mais tarde, devolveria o *tefilin* para seu proprietário.

“O dono do *tefilin shel yad*, incrédulo, ficou muito emocionado. Imediatamente pegou sua ‘jóia’ e entregou-a para o meu pai.

“Estava dando tudo certo!... Mas ainda havia o perigo do retorno para nosso alojamento.

“Eu esperava papai na porta do barracão, suando frio e com o coração disparado. De repente, percebi que ele estava voltando e entendi que tinha dado tudo certo. A poucos metros da porta do barracão, via-se perfeitamente o sorriso estampado em seu rosto. Foi aí que apareceu um dos guardas do campo, *yimach shemô*, e percebeu que havia algo de errado. Meu pai não deveria estar fora do alojamento naquela hora. Sem pensar duas vezes, aquele animal sacou sua arma e disparou à queima-roupa contra meu pai na minha frente. Foi terrível! Terrível!...

“Era o dia do meu *bar mitsvá*! Eu já estava me preparando para colocar os *tefilin* e meu pai sorria... De um momento para o outro eu não tinha mais *tefilin*... e não tinha mais meu querido pai.”

Shabsi estava tremendo e chorando. Com a voz embargada entre soluços, parecia estar vendo seu pai estendido no chão sem vida. David também chorava sem parar. Ele nunca ouvira uma história tão triste em toda sua vida.

Passaram-se alguns momentos de silêncio e Shabsi continuou dizendo:

– Até hoje eu estou traumatizado com esta cena que não me sai da memória. Só de pensar em rezar e colocar os *tefilin* eu tremo de medo. Não posso reviver estes momentos horribéis. Acho que esta ferida em meu coração nunca será cicatrizada...

O jovem David não conseguia dizer uma palavra sequer. Apenas chorava.

Alguns meses se passaram. David continuou frequentando a instituição, mas não voltou a tocar no assunto com o senhor Shabsi. De vez em quando ouvia seus brados com alguém que o chamava para rezar.

Certa manhã, David estava trabalhando no lar dos idosos quando aconteceu algo inusitado. Não havia muitos moradores presentes no local naquele dia e apenas nove senhores estavam na sinagoga, preparando-se para realizar a oração da manhã. Aquele dia era o *yortsait* do pai de um dos senhores presentes e ele precisava recitar o *Cadish*. Eles começaram a procurar um décimo participante para completar o *minyan*. Apesar do empenho, não conseguiram encontrar ninguém.

Já desanimados, chamaram David para ajudá-los. Mas David já tinha rezado e, além disso, tinha muitos afazeres naquela manhã. Várias pessoas já aguardavam sua ajuda.

David também começou a procurar alguém que pudesse completar o *minyan*. De repente, lembrou-se de Shabsi, mas logo mudou de idéia.

Mais alguns minutos se passaram. David estava passando na frente da porta do quarto de Shabsi e, novamente, pensou na remota hipótese de convencê-lo a rezar naquele dia.

– Toc, toc, toc...

– Pois não! – respondeu o senhor Shabsi, gentil como sempre. Ou quase sempre...

– Senhor Shabsi! Bom dia! Desculpe-me incomodá-lo. Realmente, desculpe-me.

David aparentava estar tão assustado que Shabsi ficou preocupado.

– O que aconteceu, meu filho? Cla-

ro que eu o desculpo.

– Pois saiba, senhor Shabsi, que a última coisa do mundo que eu gostaria de fazer é perturbá-lo. Mas estamos em uma situação de emergência. Vou pedir-lhe um enorme favor. Se o senhor não concordar, não ficarei nem um pouco sentido. Sairei imediatamente para deixá-lo descansar em paz.

– E qual é este enorme favor? – disse Shabsi desconfiado.

– Hoje é o dia do *yortsait* do pai do senhor Mendel. Ele está muito aflito porque falta apenas uma pessoa para completar o *minyan*. Já procuramos em todos os lugares... Por favor, somente desta vez...

Shabsi arregalou os olhos, engoliu em seco, mas não conseguiu gritar com o seu amigo.

– Está bem, está bem! Mas que fique bem claro para você: Esta será a primeira e última vez que atenderei a este pedido. Nunca mais faça isso!... Agora ajude-me aqui com minha cadeira de rodas, antes que eu mude de idéia!

– Claro, claro que sim – respondeu o rapaz incrédulo. – Muito obrigado, senhor Shabsi. Nem sei como pude pedir algo assim...

– E o senhor levará seus *tefilin*? – arriscou o jovem antes de saírem.

– *Tefilin! Tefilin!*... – exclamou Shabsi. – Pegue meus *tefilin* naquele armário e nunca mais me peça isto! Nunca mais, ouviu bem!

Chegando na sinagoga, parecia que os nove homens viram um fantasma. Espantados e incrédulos, ninguém ousou fazer qualquer comentário. Começaram a rezar imediatamente.

David deixou Shabsi na sinagoga e foi continuar seu trabalho.

O tempo passou rapidamente para David, atarefado com outros internos. Quando olhou no relógio, percebeu

que já passara mais de uma hora que tinha deixado Shabsi na sinagoga e voltou para buscá-lo.

Não havia mais ninguém na sinagoga, exceto Shabsi. Ele abraçava a bolsinha de seus tefilin e chorava. David pôde ouvir suas palavras sussurrando: “Papai, papai”.

Shabsi viu David parado na porta e disse:

– Tantos anos! Tantos anos se passaram... Só agora eu percebi que posso voltar para perto de papai. Sinto que o que ele mais gostaria que eu fizesse é colocar os *tefilin*. Acho que agora ele está dançando aqui ao nosso lado! Arriscávamos nossas vidas para agradecer o Todo-Poderoso. E durante tantos anos virei as costas para Ele e para papai... Como não percebi isso antes? Agora ele está tão próximo de mim...

A partir deste dia, Shabsi fazia questão de ser um dos primeiros a chegar na sinagoga. Pediu a David que nunca deixasse de chamá-lo para as orações.

Os meses foram passando e Shabsi participava de todas as orações com cada vez mais ânimo.

Certo dia, quando David chegou no lar dos idosos e foi chamar Shabsi para a reza, encontrou seu quarto vazio. Assustado, foi perguntar para as enfermeiras onde ele estava.

As enfermeiras disseram que ele

passara muito mal durante a noite e fora levado para o hospital.

David foi para o hospital imediatamente. Mas chegou tarde. Avisaram-no que nada mais podia ser feito. David sentiu muito a perda do amigo.

David continuou fazendo seu trabalho voluntário no lar dos idosos. Alguns meses depois, os coordenadores da instituição organizaram uma festa de confraternização para homenagear todos os voluntários que trabalhavam de forma tão nobre na instituição.

Nesta confraternização, uma senhora aproximou-se de David e agradeceu-lhe de forma um tanto efusiva “por tudo” que ele fizera. David apenas sorriu, olhando para a mulher com um ar incógnito. Daí ela disse:

– Eu sei que você não está se lembrando de mim. Eu sou a filha do senhor Shabsi, que faleceu há alguns meses atrás. Eu não tenho palavras para agradecer-lhe por tudo que você fez por meu pai. Que D’us lhe retribua muitas vezes por toda a sua bondade!

– Muito obrigado, minha senhora – disse David com simplicidade. – Nós éramos apenas bons amigos. Acho que eu aprendi muito com o senhor Shabsi.

– Pois estou vendo você ainda não entendeu o que fez para o meu pai!

– falou a mulher, sorrindo com um breve suspiro enquanto balançava a cabeça.

– Meu pai era uma pessoa amável e cordial. Mas não era feliz. Ele sempre guardou em seu coração o trauma de sua infância, que o impedia de reconhecer situações alegres. Desde o dia em que começou a colocar os *tefilin* esta situação mudou completamente. Ele se transformou em outra pessoa. Emocionava-se alegremente com os filhos e netos, sorria muito e até cantava músicas que nunca tínhamos ouvido. Ele começou a dizer que nunca é tarde para “voltar”. Nos últimos meses de sua vida, meu pai se transformou em outra pessoa.

– Agora vou lhe contar como foram os últimos momentos de sua vida – disse a mulher, abaixando o tom de voz. – Papai passou muito mal à noite, sentindo fortes dores. Chamaram-me em casa e eu o levei de ambulância para o hospital. Chegando lá, ele disse que precisava que eu fizesse um enorme favor para ele. Que eu fosse buscar seus tefilin em seu quarto no lar dos idosos. Eu fui. Quando voltei, apesar das dores que ele sentia, ficou exultante. Logo abriu a bolsinha e colocou os *tefilin*. Recitou algumas palavras, olhou para mim com ternura, sorriu e faleceu.

– Você devolveu a alegria para o coração do papai! ■

HOPE®

Parabeniza a Congregação
pela divulgação dos valores
judaicos!

Shabat – Zachor Veshamor

Rabino I. Dichi

Zachor veshamor

O quarto dos Dez Mandamentos (*Shemot* 20:10) diz: “*Zachor et yom Hashabat lecadeshô. Shêshet yamim taavod, veassita col melachtecha, veyom hasheviî Shabat Lashem Elokecha; lô taassê col melachá, atá uvinchá, uvitecha...*” – Lembra-te do dia de *Shabat* para santificá-lo. Seis dias trabalharás e farás todo o teu trabalho. E o sétimo dia será *Shabat* para D’us, não farás todo e qualquer labor, você, teu filho, tua filha...”

Vemos que a *Torá* enfatiza e é muito clara ao proibir o labor no *Shabat*.

Quando Moshê relembra os Dez Mandamentos (*Devarim* 5:12), a *Torá* usa em vez de *zachor*, uma outra expressão: *shamor*. Portanto constam na *Torá* duas expressões diferentes sobre o *Shabat*. Uma diz: “*Zachor et yom Hashabat lecadeshô*” – lembra-te do *Shabat* para santificá-lo e a outra diz: “*Shamor et yom Hashabat lecadeshô*” – guarda o *Shabat* para santificá-lo. Estes dois mandamentos foram escritos de maneira diferente nas duas vezes, porque na Outorga da *Torá*, o Criador falou *Zachor* (lembra-te) e *Shamor* (gar-

da) simultaneamente. O Todo-Poderoso quis mostrar que tanto as *mitsvot* ativas (*zachor*), quanto as passivas (*shamor*) têm a mesma importância

Da primeira expressão – lembra-te – inferimos a obrigação de recitar o *Kidush* na noite do *Shabat*. Da segunda – guarda – inferimos que estamos proibidos de transgredir o *Shabat* realizando qualquer um dos 39 labores proibidos e de seus derivados, denominados *Avot Melachot* e *Toladot*.

Portanto, o *Shabat* é constituído pelas duas categorias de *mitsvot*: *assê* e *lô taassê*. Como se sabe, as mulheres têm a obrigação de cumprir as *mitsvot lo taassê* e as *mitsvot assê* ligadas com o tempo. Por isso, o *Talmud* (*Berachot* 20b) diz: “*Zachor veshamor, col sheyeshnô bishmirá, yeshnô bizhirá, vehanê nashê hoil veyitenêhu bishmirá, yitenêhu bizchirá*” – Todo aquele que tem de guardar (*mitsvot lo taassê*, passivas), tem de lembrar (*mitsvot assê*, ativas). E já que as mulheres são obrigadas a guardar (*mitsvot lo taassê*, passivas), têm obrigação também de lembrar (*mitsvot assê*, ativas) nas quais se inclui o *Kidush*. Portanto, as duas *mitsvot* recaem

tanto sobre homens como sobre mulheres. Ambos têm de recitar ou ouvir o *Kidush* e ter o cuidado de não transgredir o *Shabat* nos 39 labores proibidos e suas derivações.

A Criação do Mundo e seu testemunho

O Todo-Poderoso criou o mundo em seis dias e no sétimo se absteve de criar. O cumprimento do *Shabat* pelo povo de Israel é o testemunho vivo deste fato.

Todos os dias portamos conosco dois sinais do pacto entre nós e o Criador: as *tefilin* e o *Berit Milá*. O *Shabat* também é um sinal deste pacto: *Beni uven Benê Yisrael ot hi leolam* – Entre Mim e os Filhos de Israel (o *Shabat*) é um sinal para sempre. Assim, com o *Berit Milá* já temos dois sinais, o *Shabat* e o *Berit Milá*. Colocando mais um sinal neste dia – as *tefilin* – estaríamos desprezando o sinal de *Shabat* ou *Yom Tov*.

A construção do Mishcan (Tabernáculo) e o Shabat

Quando D'us ordenou a Moshê sobre a construção do Mishcan, fez uma introdução dizendo que mesmo sendo o *Mishcan* de suma importância – o local onde a Presença Divina permaneceria concentrada constantemente – sua construção seria proibida no *Shabat* e, por conseguinte, deveria ser interrompida na véspera.

Toda a obra do *Mishcan* foi realizada por intermédio de 39 tipos diferentes de trabalhos (labores), sendo que o Criador proibiu a realização destes mesmos trabalhos no *Shabat*. Isto nos deu a dimensão exata do que é permitido ou não fazer no *Shabat*.

O Shabat como descanso espiritual

O trecho citado pela *Torá* (*Bere-*

shit 2:1-3), que anuncia a conclusão da Criação – texto esse recitado três vezes por *Shabat*: na *Amidá* de *Arvit*, após a *Amidá* de *Arvit* e no *Kidush*, “*Vaychulu hashamayim vехаárets*” – tem no seu final a seguinte expressão: “*Asher bará Elokim laasot*”. A palavra *bará*, que é repetida algumas vezes no início da *parashat Bereshit*, significa “criou”. O Todo-Poderoso criou o mundo por intermédio de dez expressões. Nove vezes o texto diz: “*Vayômer Elokim*” (E disse D'us) e a décima expressão é a própria palavra *Bereshit*. Portanto, a Criação não exigiu nenhum esforço físico, donde inferimos que no *Shabat* precisamos nos abster de criar qualquer coisa mesmo, que esta não exija esforço físico. Concluimos, assim, que devemos observar o *Shabat* da mesma forma como o Criador o fez, abstendo-nos de qualquer obra expressa nos 39 labores e seus derivados.

Para ilustrar essa idéia, vejamos a seguir um exemplo: Caso alguém queira mudar uma mesa de uma sala para outra na mesma residência para uso no *Shabat*, poderá fazer esta mudança apesar de a mesa ser bastante pesada. Já em contrapartida, não poderá acionar o interruptor com um leve toque ou transportar um objeto de peso insignificante nas vias públicas (domínio público).

Santidade do Shabat

Disseram nossos sábios: “*Sheculá Shabat kenêgued col mitsvot Hatorá*” – o *Shabat* equivale a todas as outras *mitsvot* da *Torá*.

O *Shabat* é considerado *lev hamitsvot* – o coração das *mitsvot*. Assim como o coração é um órgão vital no corpo humano, assim o cumprimento do *Shabat* é importante e vital

no contexto das *mitsvot*.

Ainda disseram nossos sábios (*Talmud Shabat* 118b): “*Ilmalê meshamerin Yisrael shetê Shabatot kehilchatan miyad nig'alim*” – Tivessem os judeus cumprido dois *Shabatot* conforme a lei, seriam imediatamente redimidos.

O *Shabat* é uma *mitsvá* de fundamental importância na educação de nossos filhos e na transmissão dos valores judaicos. Um lar onde a família se reúne em volta da mesa do *Shabat*, onde pais e filhos têm ao menos uma vez por semana um contato mais íntimo, fortalece-se e enriquece-se espiritualmente. Frequentando a sinagoga e vivenciando um *Shabat* autêntico, os pais estarão, certamente, protegendo seu lar e seus filhos de influências não desejadas, garantindo assim a continuidade do nosso povo e de nossas tradições milenares.

O estudo das leis do Shabat

O Rabino Yonatan Eibschuts *zt”l* em seu livro *Yaarot Devash*, escreve que é impossível um indivíduo ser *shomer Shabat* (observante do *Shabat*) se não estudar minuciosamente as leis relacionadas com o *Shabat*.

Que o Todo-Poderoso nos proporcione a oportunidade de estudarmos e cumprirmos as leis do *Shabat*.

Salientamos um princípio básico:

Todo e qualquer trabalho proibido no *Shabat*, se for feito por nós de modo involuntário (quer por falta de conhecimento quer por esquecimento), será proibido a qualquer judeu usufruir dele enquanto não terminar o *Shabat*. Se foi realizado propositalmente, o indivíduo que o fez jamais poderá ter proveito, e os demais poderão usufruir assim que terminar o *Shabat*.

Do livro “Shomer Shabat”.



Um Terno Impecável

Certa vez um homem ganhou uma verdadeira fortuna e resolveu que a usaria na confecção de um terno.

Determinado a levar adiante sua decisão, procurou o alfaiate mais bem conceituado da época. Ele pediu ao alfaiate que usasse os melhores tecidos conhecidos no mundo e que o terno fosse adornado com fios de ouro e com pedras preciosas. Desta forma, gastou quase todo o dinheiro que possuía.

Quando recebeu a maravilhosa roupa, mal conseguia se conter de tanta felicidade. Vestiu-a e foi dar um passeio na rua.

Logo que saiu, escorregou e caiu em uma poça de lama, sujando todo o terno.

Imediatamente ele entrou em contato com uma lavanderia para que lavassem a roupa. Res-

ponderam-lhe que não poderiam fazê-lo, já que não possuíam lavadoras adequadas para aqueles tecidos tão refinados.

Ele começou a procurar, entre os especialistas do ramo, alguém que aceitasse lavar seu terno, onde estava toda a sua fortuna. Finalmente, encontrou um perito que aceitou o serviço. Entretanto, o profissional esclareceu que levaria algum tempo para concluir toda a lavagem e que custaria muito caro. Ele explicou que seria necessário desmontar toda a roupa e retirar todos os adornos. Cada tecido seria lavado com técnicas apropriadas. Alguns seriam lavados com água fria, outros com água quente, alguns a seco. Havia tecidos que só ficariam limpos com a aplicação de determinados produtos químicos... O mesmo valia para os adornos. Alguns seriam lavados, outros polidos ou submetidos a banhos

e limpezas com produtos químicos especiais.

O homem aceitou as condições do perito e entregou-lhe o terno.

O profissional desmontou cuidadosamente todo o terno. Depois, decidiu que limparia primeiro as partes mais valiosas, utilizando os métodos próprios que conhecia. Desta forma, os tecidos e os adornos mais simples, aqueles que exigiam apenas uma lavagem ou uma polida simples, ficaram para o final.

* * *

Quando D'us criou o primeiro homem, entregou-lhe uma vestimenta riquíssima – uma alma que continha centelhas de todas as almas que viriam ao mundo futuramente.

Infelizmente, Adam *Harishon* “enlameou sua vestimenta” pecando.

Agora, para que a situação inicial – a que existia antes do pecado – retorne, D'us está limpando cada parte daquela alma.

Primeiro Ele limpou as partes mais valiosas, trazendo a este mundo as almas dos nossos patriarcas Avraham, Yitschac e Yaacov e de nobres personagens como Moshê *Rabênu*, Aharon *Hacohen* e os profetas do Povo de Israel. “Limpou” também pedras preciosas como os grandes sábios da época da *mishná* e da *guemará*.

A cada geração que passa, estamos mais distantes dos nossos patriarcas e é mais baixo o nosso nível espiritual. No entanto, avaliando nossa condição em relação aos grandes vultos do Povo de Israel das gerações anteriores, percebemos que estamos de fato muito próximos da “devolução do terno” – a época em que D'us restituirá as maravilhosas condições que subsistiam no *Gan Êden*. ■

Uma Mishná Por Dia

Mais de 1400 áudios publicados

Uma Mishná Por Dia

Acesse o site ohelmoshe.com.br ou baixe o app Android

por R. Daniel Faour

David Abadi e Família

Desejam muito sucesso material e espiritual para toda a *kehilá*.



Faça seu site conosco!

Equipe especializada em desenvolvimento de sistemas web (CRM, ERP, CMS)

Criação de sites e portais personalizados



Fone: 11 3822-1416

revista_nascente@hotmail.com

Antes e Depois do Pecado

Rabino I. Dichi

Na primeira parashá da Torá há relatos sobre vários assuntos que precisam de esclarecimento e análise. Analisaremos aqui o assunto que talvez seja o mais controvertido da Torá: o da proibição, por parte de D'us, que Adam Harishon (Adão) comesse um determinado fruto do Gan Êden (Jardim do Êden). Enfocaremos, principalmente, as consequências do fato de Adam ter transgredido esta ordem Divina.

A Torá conta que Adam foi persuadido por Chavá a comer do fruto proibido e ela, por sua vez, havia sido incitada pela cobra. Até este momento, o homem havia sido criado para ser imortal, mas, a partir daí, D'us decretou a morte sobre a humanidade: Adam e Chavá e os que seriam seus descendentes. Aprendemos isso do versículo (Bereshit 2:17): *"Ki beyom acholchá mimênu mot tamut"* – *Porque no dia em que comeres dela, morrerás*. Ramban explica que isto não quer dizer que o homem morreria imediatamente ao comer do fruto proibido, mas sim, que deixaria de ser imortal.

Além deste decreto, vejamos o que aconteceu na prática como consequência deste pecado para nós.

O comentarista da Torá, Sforno (Bereshit 3:1), explica que os proveitos dos desejos materiais são imaginados pelas pessoas de for-

ma muito diferente do que de fato e na prática serão. As pessoas imaginam sempre que vão ter um prazer material maior, porém, na prática, não haverá tantos benefícios. Por isso, depois de realizada a ação, acontece uma certa frustração por não ter ocorrido a satisfação completa da forma que havia sido imaginada.

Alguém que observa uma guloseima numa vitrine de confeitaria, imagina um paladar e uma satisfação que não são exatamente os mesmos que desfrutará ao comer o doce. O mesmo ocorre ao imaginarmos o proveito que obtaremos com qualquer outro prazer material, como uma viagem – "a viagem de seus sonhos". Ao retornar, percebemos que não usufruímos de todos os prazeres que havíamos imaginado alcançar.

Isso começou a acontecer a partir do episódio do pecado do fruto proibido. A cobra fez com que os proveitos materiais, aos olhos da pessoa, parecessem maiores do que seriam na realidade.

Sobre isso, há um comentário do versículo (Yesha'yáhu 40:30-31): *"Veyiafu nearim veyigáu, uvachurim cashol yicashêlu, vecovê Hashem yachalífu choach"* – *Os jovens se cansam, chegam a imaginar que os proveitos deste mundo são enormes, acabam tropeçando – por pensarem assim – e os que têm fé e esperança no Todo-Poderoso têm suas forças revigoradas*. Todas as pessoas têm necessidade de ter suas

energias fortalecidas. Este é o objetivo de dormirmos à noite, porém isto não é suficiente para revigorarmos nossas forças. Além disso existem outras formas: o estudo da Torá e o cumprimento de suas mitsvot. A esperança e a fé depositadas no Criador são fatores muito importantes para que recuperemos nossas forças.

A única coisa que pode dar à pessoa conforto e proveito exato e verdadeiro daquilo que “promete ser” são as coisas espirituais, pois quando a pessoa absorve e concretiza as aquisições espirituais recebe novas forças para continuar adiante.

Depois que Adam e Chavá pecaram comendo do fruto proibido, perceberam que estavam nus e acharam que seria suficiente cobrirem-se com uma folha. No entanto, D'us não concordou com isso e fez-lhes roupas. O Sforno (Bereshit 2:25) explica que até

aquele momento, não havia problema em estarem despidos, pois seus órgãos genitais eram como qualquer outro órgão do corpo humano – como os olhos ou a boca – com o único intuito de servir a D'us. Porém, ao pecarem, adquiriram a malícia e sentiram necessidade de cobrir-se. Contudo, D'us achou insuficiente que se cobrissem apenas com folhas. D'us, então, vestiu-os com túnicas feitas por Ele, que os cobriram do pescoço para baixo.

A Torá nunca nos relata fatos sem que possuam um ensinamento. O que nos vem ensinar o fato de que D'us não gostou que eles se vestiram apenas com folhas e que achou necessário fornecer roupas? Podemos ler estes episódios apenas como um relato de um acontecimento passado ou como uma filosofia baseada em circunstâncias ocasionais, mas a Torá definitivamente não é isso. A Torá, através de cada passagem, tem

a intenção de dar uma instrução, uma mensagem de forma direta e objetiva. E a quem, senão a nós, dirige-se a Torá? Ela nos quer ensinar como deve ser nossa conduta. Todos os anos repetimos a mesma leitura e a cada ano devemos tirar uma nova lição do infinito conhecimento contido nela.

D'us não gostou das folhas que usaram e substituiu-as por roupas. A Torá quer nos transmitir que a humanidade precisa aprender como vestir-se. Vestimentas nestes padrões, assim como decotes, minissaias ou roupas sem mangas, não são toleradas pela Torá.

Analisando as consequências do pecado de Adam e Chavá, podemos, portanto, deduzir duas grandes lições: que nossa má inclinação tenta nos iludir insinuando que teremos um proveito maior dos prazeres materiais e uma lição sobre o decoro em nossas vestimentas. ■

Daf Hayomi

Acompanhe as aulas diárias de Guemará no Portal Judaico Brasileiro
www.revistanascente.com.br

Aulas de TODAS as páginas publicadas!

www.revistanascente.com.br

The advertisement features a central image of a video player showing a man with a beard and a white shirt, likely a teacher, in a classroom setting. To the right of the video player is a list of lessons (Mishnayot) with their corresponding dates. The background is a blue and white pattern with binary code (0s and 1s) and Hebrew text.

Os Três Sustentos do Mundo

A Guemará nos diz que uma pessoa que quer ser “chassid” – bondoso – que é um degrau acima do “tsadic” – justo – deve cumprir tudo o que está escrito na Ética dos Pais.

Assim, esta seção traz, de forma simples, a sabedoria da mishná, por meio dos maravilhosos conselhos do Pirkê Avot.

O Pirkê Avot é um dos tratados da *Mishná*, porém diferencia-se dos demais: enquanto os outros tratados se dedicam, especialmente, à abordagem das leis da *Torá*, o *Pirkê Avot* traz um conjunto de costumes morais e éticos do nosso povo, assim como as virtudes dos nossos grandes sábios, chamados “*Avot Haolam*” – Os Pais do Mundo – e daí o nome do tratado.

Capítulo I Mishná 1

Moshê recebeu a Torá no Sinai e transmitiu-a para Yehoshua; Yehoshua aos zekenim (anciãos), estes aos profetas e estes aos Anshê Kenêsset Hagedolá (os sábios do Grande Sinédrio). Estes proclamaram três coisas: “Sejam ponderados no julgamento; façam muitos discípulos; façam um cerco para a Torá.”

A primeira *mishná* do *Pirkê Avot* começa dizendo que toda a *Torá*, tanto a Oral quanto a Escrita, tem sua origem Divina. Assim, Moshê recebeu a *Torá* no Monte Sinai diretamente do Todo-Poderoso e transmitiu-a de modo preciso e integral ao líder que o sucedeu – Yehoshua. Este

transmitiu-a aos anciãos e assim por diante, de tal forma que a *Torá* que temos hoje é exatamente a mesma que D’us outorgou para Moshê.

Com esta pequena introdução, o *Pirkê Avot*, que é um livro de moral e costumes, vem nos ensinar que não somente as leis propriamente ditas têm sua origem no Monte Sinai; os modos de comportamento do ser humano, indicados pelos nosso sábios, também estão baseados na *Torá*.

Os “*Anshê Kenêsset Hagedolá*” eram um grupo de 120 (há quem diga que eram somente 85) dos maiores sábios e profetas da época e existiu durante cerca de 200 anos.

Existem três princípios básicos da humanidade: a lei, o aprendizado e a *Torá* (o cumprimento de seus preceitos). Esta primeira *mishná* vem nos ensinar, então, três coisas que disseram os homens do *Kenêsset Hagedolá* para fortificar e corrigir estes três princípios básicos da humanidade:

a) Sejam ponderados no julgamento - Não sejam apressados em dar o veredicto. Antes disso, pesem bem todos os lados da situação.

b) Façam muitos discípulos - Pois só alguns poucos conseguirão levar adiante os ensinamen-

tos. Assim, deve-se fazer como o sábio Hilel, que ensinava a todos que queriam aprender.

c) Façam um cerco para a *Torá* - Este “cerco” são os decretos instituídos pelos sábios, para que as pessoas não cheguem a pecar. Um exemplo disto é o conceito de “*muctsê*”: os sábios nos proibiram de mover certos objetos nos dias santificados para que não chegássemos a profaná-los. Assim, no *Shabat* não se deve mover uma caneta para que não venhamos a escrever com ela por descuido.

Mishná 2

Shimon Hatsadic era dos que restaram do Kenêsset Haguedolá (Grande Sinédrio). Ele costumava dizer: “Sobre três coisas o mundo se apóia: sobre a Torá, sobre o trabalho e sobre as boas ações.”

Shimon Hatsadic era o último dos sábios do *Kenêsset Haguedolá* e nesta *mishná* ele traz três coisas graças às quais o mundo existe:

a) A *Torá* - O estudo da *Torá*.

b) O trabalho - O trabalho dos sacrifícios que eram feitos no *Bêth Hamicdash*. Hoje, no entanto, quando não temos o *Bêth Hamicdash*, os sacrifícios foram substituídos pela *tefilá* (oração). Outros explicam que a *mishná*, ao dizer “trabalho”, refere-se ao cumprimento das *mitsvot*. Há ainda quem explique

que “trabalho” é o trabalho da terra – plantar, arar, colher – pois por meio dele a pessoa se transforma num “sócio” do Todo-Poderoso na Criação (“*Sêfer Hamor*”, em nome do “*Lev Avot*”).

c) As boas ações - A bondade entre um ser humano e outro; como está escrito (Tehilim 89:3): “Um mundo de bondade criou.”

O mundo se sustenta sobre estas três coisas, de tal modo que se não fossem elas, o mundo perderia a razão de sua criação e não existiria; assim, se uma delas deixar de existir, o mundo também deixará de existir. Daqui vemos quão importante é o estudo da *Torá*, pois se ela deixasse de ser estudada, ainda que por um momento, o mundo imediatamente voltaria ao caos.

No *Midrash Shemuel* está escrito que, nesta segunda *mishná*, Shimon Hatsadic nos explica por que os *Anshê Kenêsset Haguedolá* nos advertiram sobre as três coisas citadas na primeira *mishná*. Cada um dos conselhos dados pelos *Anshê Kenêsset Haguedolá* na primeira *mishná* vem fortalecer uma das bases de sustentação do mundo: sobre a *Torá* disseram: “Façam muitos discípulos”; sobre o trabalho disseram: “Façam um cerco para a *Torá*” pois, como dissemos, o trabalho está ligado com o cumprimento das *mitsvot*; sobre as boas ações disseram: “Sejam ponderados no julgamento.” ■

GRUPO line OUTSOURCING DE IMPRESSÃO

Elimine os custos com compra de impressoras e assistência técnica. Colocamos impressoras em comodato a custo zero.

Gerenciamos todo o seu parque de impressoras.

Agende uma visita sem compromisso para elaboração de um projeto em relação às necessidades de sua empresa.

Retiramos e entregamos sem nenhum custo.

Televentas: 3331-3831
www.gpline.com.br

KALIMO

Parabeniza a Congregação pela divulgação dos valores judaicos.

A confiabilidade dos anúncios desta publicação é de inteira responsabilidade dos anunciantes, não cabendo responsabilidade à diretoria da Congregação ou a seus associados.

NASCENTE

“Todo aquele que possui as três qualidades que se vão enumerar é um discípulo de Avraham, nosso pai; o que possui os vícios opostos é um discípulo de Bil’am, o ímpio. O bom olhar, a humildade e a abnegação são as características dos discípulos de Avraham. O mau olhar, o orgulho e a ambição são as características dos discípulos de Bil’am.”

Ética dos Pais 5:23

VRASALON®
DESDE 1968

Deseja grande sucesso espiritual e material para todo Am Yisrael!

www.vrasalon.com.br

A “Evolução” dos Tempos

Hoje existem edifícios mais altos e estradas mais largas, porém temperamentos curtos e visões estreitas.

Gastamos mais, porém desfrutamos menos.

Temos casas maiores, mas famílias menores.

Possuímos mais compromissos, e menos tempo.

Encurtaram-se as distâncias, mas distanciaram-se os corações.

Chegamos à Lua, e não conhecemos nosso vizinho.

Adquirimos mais conhecimentos, porém menos discernimento.

Conquistamos o espaço exterior, mas não o interior.

Recitamos muitas orações, mas nem nós as ouvimos.

Temos mais remédios, mas menos saúde.

Multiplicamos nossos bens, porém reduzimos nossos valores humanos.

Falamos muito, amamos pouco e odiamos demais.

Temos mais bens, e menos moral.

Possuímos muita comida, mas menos vitaminas.

É tempo de mais liberdade, porém de menos alegrias.

São dias em que chegam dois salários no lar, porém aumentam os divórcios.

Dias de casas mais lindas, mas de lares desfeitos.

Por tudo isso, pense bem! De hoje e para sempre...

Não deixe nada “para uma ocasião especial” – e cada dia que você viver será especial.

Não tarde em procurar D’us... Conheça-O.

Não economize sorrisos e alegria!

Passe mais tempo com sua família e com seus amigos, visite aqueles que você ama.

Diga já a seus familiares e amigos o quanto os ama.

O tempo que passa é importante. Seu tempo é sua vida. Não mate o tempo; não se mate.

Esqueça das frases: “Quem sabe algum dia...”, “Um dia desses...”. “Um dia desses” quase nunca chega!

Escreva já aquela carta que pensava escrever “um dia desses”.

Cada dia, hora e minuto são especiais...

Admire a paisagem sem se importar tanto com as tempestades que nunca chegam.

Assim, tenha um bom dia! Um bom amanhã! Uma boa vida!



Transgressores de Israel

Leia esta história impressionante e tente responder às perguntas propostas no final.

Yaffa Eliach

No Campo de Concentração de Janowska havia um capataz judeu de Lvov, chamado Schneeweiss; uma pessoa de quem você mantém distância se preza por sua vida.

Mesmo antes da eclosão da Segunda Grande Guerra, ele violava publicamente os feriados judaicos e transgredia as leis. Já em Janowska, era um homem cruel que não conhecia a piedade.

Certo dia, com o coração pesado, Rav Spira dirigiu-se a Schneeweiss:

– Você é um judeu como eu... Hoje será a noite do *Cal Nidré*. Há um pequeno grupo de jovens judeus que não quer transgredir nenhuma das 39 categorias de trabalhos proibidos neste *Yom Kipur*. Isso significa tudo para eles. É a essência de sua existência. Você pode fazer alguma coisa? Você poderia ajudar?

O rabino percebeu um calafrio em Schneeweiss ao ouvir o estranho pedido. A face severa de Schneeweiss se alterara. Pela primeira vez, des-

de que chegara a Janowska, havia uma centelha humana nela.

– Essa noite não poderei fazer nada – disse o capataz. – Não tenho poder sobre a brigada noturna. Mas amanhã, em *Yom Kipur*, farei por você o que estiver ao meu alcance.

O rabino apertou a mão de Schneeweiss com gratidão e partiu.

Pela manhã, o rabino e o pequeno grupo de *chassidim* foram convocados à cabana de Schneeweiss.

– Eu não acredito em orações – disse a eles Schneeweiss. – A princípio, eu até me oponho. Mas admiro sua coragem. Vocês todos sabem que a penalidade para a reza aqui em Janowska é a morte!

Dizendo isso, acenou para que o seguissem.

Levou-os até o quartel da SS no campo, uma grande casa de madeira. Chegando lá, falou com voz firme:

Menahem S. Khafif e Família

Desejam muito sucesso
para a Congregação
em todos os seus
empreendimentos.

Albert Choueke e família

Parabenizam a
Congregação Mekor Haim
pelo belíssimo trabalho de
divulgação da nossa
sagrada Torá

Edmond Khafif e filhos

Parabenizam a
Congregação Mekor Haim
pela divulgação dos valores
judáticos e desejam paz
e saúde para todo
Am Yisrael.

KADUR

by Optimist

Deseja sucesso
para toda a
Kehilá!

www.kadur.com.br

Pensando Bem II

– Vocês, companheiros, irão polir o chão sem cera ou polidor. E você, rabino, limpará a janela com trapos secos. Assim vocês não transgredirão nenhuma das 39 categorias de trabalho.

Logo em seguida saiu do quarto abruptamente, sem dizer mais uma palavra.

O rabino permaneceu sobre a escada, limpando a enorme janela enquanto entoava orações. Seus companheiros permaneciam no chão, polindo a madeira e rezando com ele.

O chão ficou molhado... com lágrimas. Quem pode imaginar as orações daquele *Yom Kipur*?...

Ao meio-dia a porta se abriu. Dois anjos da morte, Homens da SS com seus uniformes pretos, entraram na sala. Chegaram seguidos de um carrinho lotado de comida.

– Meio-dia! Hora de comer pão, sopa e carne! – anunciou um dos homens da SS.

O ambiente ficou imerso em um aroma de comida fresca, como eles nunca viram desde a ocupação alemã – pão branco, uma sopa de vegetais quentinha e fartas porções de carne.

O homem alto da SS bradou a ordem:

– Vocês devem comer imediatamente! Caso contrário, atiraremos à queima-roupa!

Ninguém se moveu.

O alemão repetiu a ordem.

O rabino e os *chassidim* permaneceram grudados a seus lugares.

O homem da SS chamou Schneeweiss e disse:

– Schneeweiss, se esses cachorros sujos se recusarem a comer, eu matarei você junto com eles!

Schneeweiss pôs-se em posição de sentido, olhou diretamente nos olhos do nazista e disse em um tom muito calmo:

– Nos, judeus, não comemos hoje. Hoje é *Yom Kipur*, nosso dia mais sagra-

do, o dia da expiação.

– Você não está entendendo, seu judeu cachorro! – urrou o mais alto dos dois. – Esta é uma ordem em nome do Führer e do Terceiro Reich!

Schneeweiss, calmamente, com a cabeça erguida, repetiu a mesma resposta.

– Nós judeus obedecemos às leis de nossa tradição. Hoje é *Yom Kipur*, um dia de jejum.

O Alemão tirou seu revólver do colдре e apontou para a têmpora de Schneeweiss. Schneeweiss permaneceu calmo e manteve, em posição de sentido, sua cabeça erguida. Um tiro rasgou o salão. Schneeweiss caiu.

O rabino e os *chassidim* permaneceram congelados em seus lugares.

Schneeweiss, o homem que no passado transgredira publicamente a tradição judaica, agora santificou publicamente o nome de D'us e morreu por *kidush Hashem* – pela honra judaica, santificando o Nome de D'us.

“Só então”, disse depois o rabino, “eu entendi o significado do enunciado do *Talmud*: ‘Mesmo os transgressores do povo de Israel são tão repletos de boas ações quanto a romã é repleta de sementes.’”

* * *

Pensando bem...

Por que você acha que Schneeweiss se colocou em risco, concordando em ajudar o rabino a observar o dia de *Yom Kipur*?

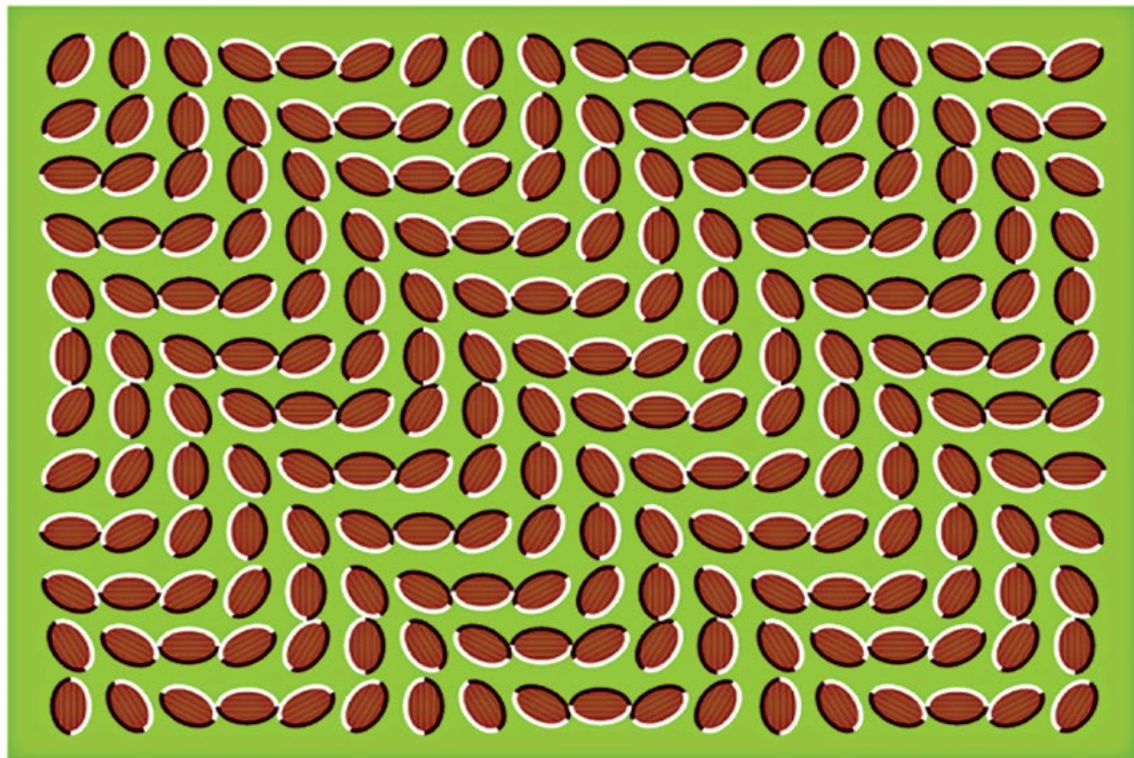
Por que você acha que os nazistas se importavam se os judeus comiam no *Yom Kipur* ou não?

Por que Schneeweiss entregaria sua vida em vez de comer no *Yom Kipur*?

Traduzido do livro
“Beyond Never Again” (página 77)
Jewish Learning Institute

ILUSÃO DE ÓPTICA

Percorra com os olhos as figuras do quadro linha por linha em ziguezague.

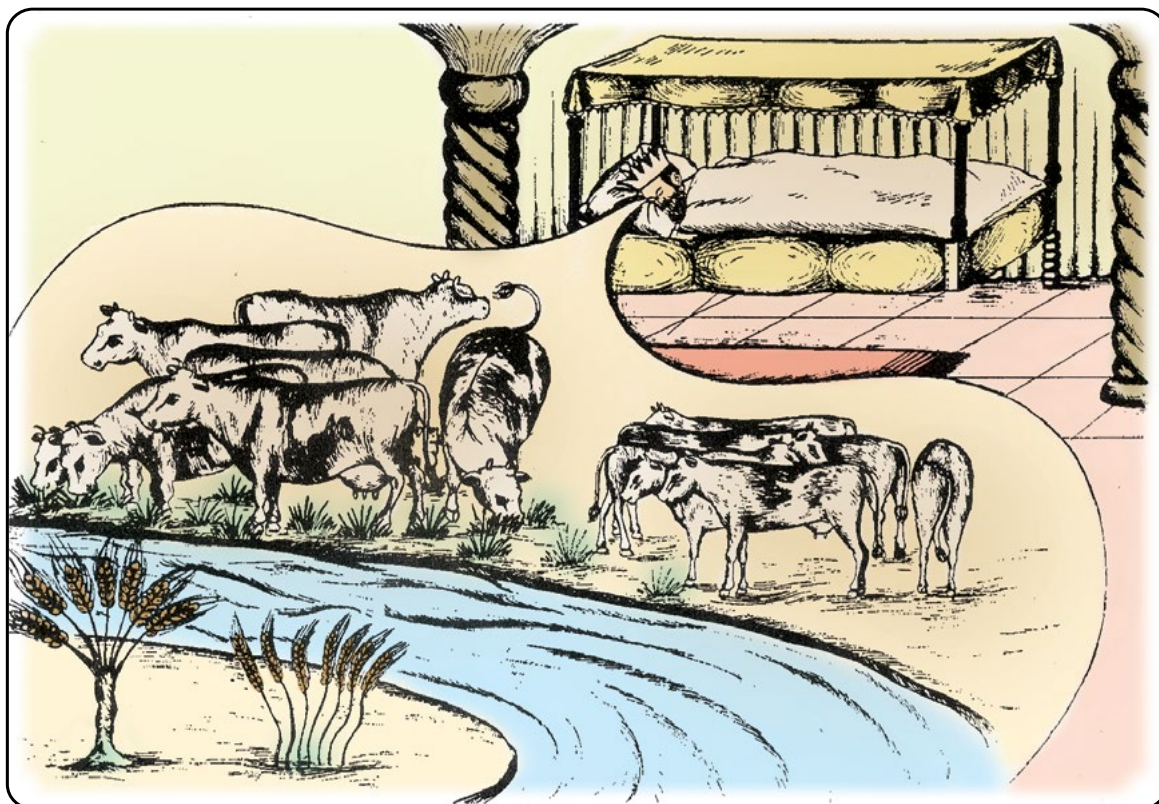
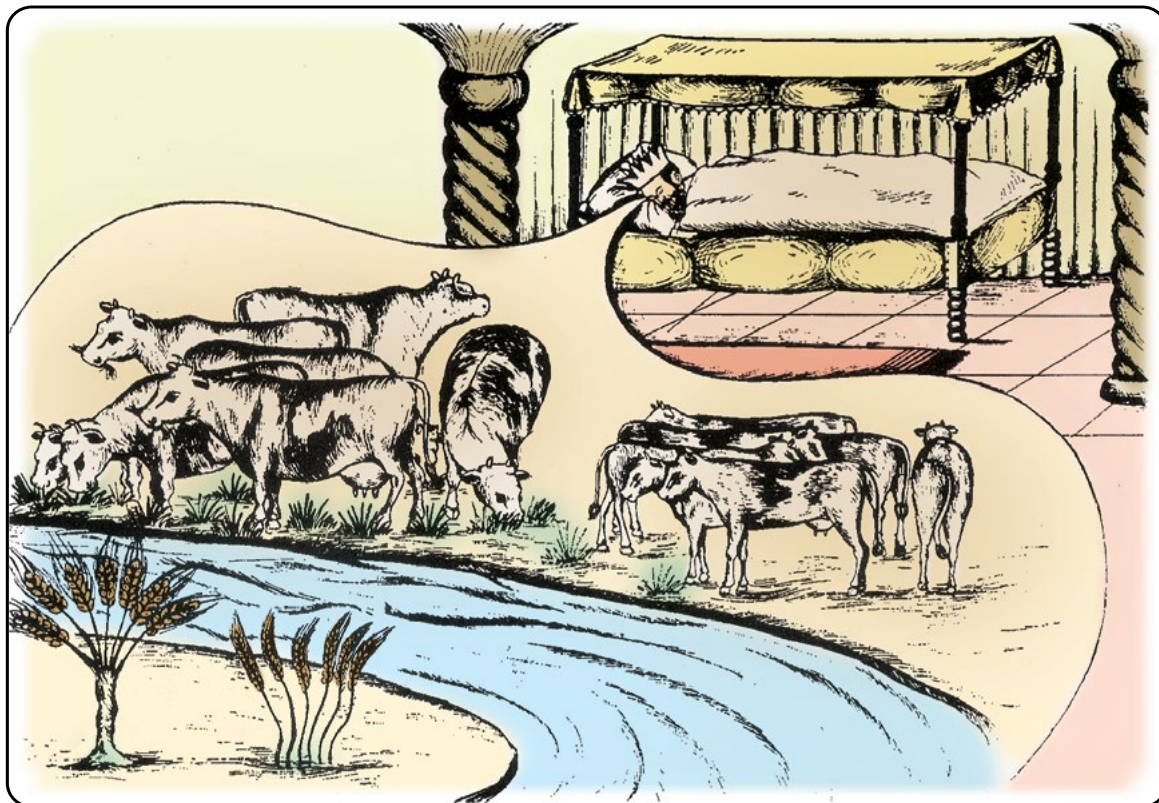


Caixa de Sílabas

As sílabas devem cair na própria coluna, embora não necessariamente na ordem original, de modo que tenhamos na parte de baixo, no sentido horizontal do esquema, uma mensagem sobre uma importante virtude humana.

A	DES	CUM	DAS	A	DE	CI	A	DE	A	DA
DA	LI	DA	DE	BIOS	NOS	CON	A	GI	DAM	FAS
DE	MA	E	QUE		NOS	LOU	PAIS	JU	LI	LI
QUA	SOS		PRIR		PRIN	SAS	VAM	TA	QUA	
NOS			SÁ				SI		RAM	
U									RE	

7 JOGO DOS ERROS



QUADRADO MÁGICO

Um quadrado mágico é aquele em que a soma dos números de cada coluna é a mesma que a soma de cada linha, que é igual à soma das diagonais principais. Nenhum número pode ser repetido.

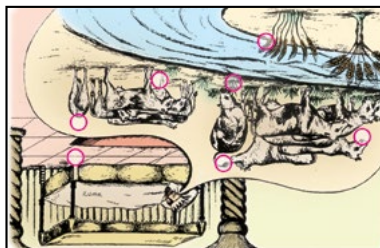
a) Preencha o quadrado ao lado com números de apenas um algarismo, sabendo que a soma dos números é sempre 15.

2		
	5	

b) Agora preencha este novo quadrado com números de dois algarismos, sabendo que a soma dos números é sempre 60.

16		
	20	

Respostas:



Há duas soluções:

2	7	6
9	5	1
7	5	3
6	1	8

ou

2	7	6
9	5	1
7	5	3
6	1	8

Há duas soluções:

16	21	23
27	20	13
17	19	24

entre elas:

16	19	25
29	20	11
15	21	24

Shevat⁵⁷⁸²

03 de Janeiro de 2022 a
01 de Fevereiro de 2022

ROSH CHÔDESH

Segunda-feira, 3 de janeiro.

Não se fala Tachanun no dia e em Minchá da véspera.

Acrescenta-se Yaalê Veyavô nas amidot e no Bircat Hamazon.

Acrescenta-se Halel Bedilug em Shachrit.

BIRCAT HALEVANÁ PERÍODO PARA A BÊNÇÃO DA LUA

Início (conforme costume sefaradi):

Domingo, 9 de janeiro às 21h23

(horário para São Paulo).

Final: Segunda-feira, 17 de janeiro, às 4h18m

(horário para São Paulo).

TU BISHVAT

Ano novo das árvores.

Segunda-feira, 17 de janeiro.

Não se recita Tachanun no dia e em Minchá da véspera.

No dia quinze do mês de shevat comemora-se o ano novo agrícola.

Costuma-se fazer uma refeição com diversos tipos de frutas neste dia, principalmente com as frutas sobre as quais a Terra de Israel é enaltecida.

Adar I⁵⁷⁸²

02 de fevereiro de 2022 a
03 de Março de 2022

ROSH CHÔDESH

Terça e quarta-feira, dias 1 e 2 de fevereiro.

Não se fala Tachanun no dia e em Minchá da véspera.

Acrescenta-se Yaalê Veyavô nas amidot e no Bircat Hamazon.

Acrescenta-se o Halel Bedilug em Shachrit.

Acrescenta-se a oração de Mussaf.

BIRCAT HALEVANÁ PERÍODO PARA A BÊNÇÃO DA LUA

Início (conforme costume sefaradi):

Terça-feira, dia 8 de fevereiro,

a partir das 19h18m (em São Paulo).

Final: Quarta-feira, 16 de fevereiro,

até as 4h29m (em São Paulo).

PURIM CATAN E SHUSHAN PURIM CATAN

Terça-feira e Quarta-feira, 15 e 16 de fevereiro.

Não se recita Tachanun no dia e em Minchá da Véspera.

HORÁRIO DE ACENDER AS VELAS DE SHABAT E YOM TOV EM SÃO PAULO

14 de janeiro	-	18h39m	04 de março	-	18h13m
21 de janeiro	-	18h38m	11 de março	-	18h07m
28 de janeiro	-	18h36m	18 de março	-	18h00m
04 de fevereiro	-	18h33m	25 de março	-	17h53m
11 de fevereiro	-	18h30m	01 de abril	-	17h46m
18 de fevereiro	-	18h25m	08 de abril	-	17h39m
25 de fevereiro	-	18h19m	15 de abril	-	17h33m

PARASHAT HASHAVUA

15 de janeiro	-	Parashat: Beshalach Haftará: Vatáshar Devorá (sefaradim)
22 de janeiro	-	Parashat: Yitrô Haftará: Bishnat Mot Hamêlech Uziyáhu
29 de janeiro	-	Parashat: Mishpatim Haftará: Hadavar Asher Hayá el Yirmeyáhu
05 de fevereiro	-	Parashat: Terumá Haftará: Vashem Natan Chochmá Lishlomô
12 de fevereiro	-	Parashat: Tetsavê Haftará: Atá Ven Adam
19 de fevereiro	-	Parashat: Ki Tissá Haftará: Vayishlach Ach'av
26 de fevereiro	-	Parashat: Vayakhel / Shecalim Haftará: Vayichrot Yehoyadá
05 de março	-	Parashat: Pecudê Haftará: Vayáas Chirom (Sefaradim)
12 de março	-	Parashat: Vayicrá / Zachor Haftará: Vayômer Shemuel El Shaul (Sefaradim)
19 de março	-	Parashat: Tsav Haftará: Cô Amar Hashem
26 de março	-	Parashat: Shemini / Pará Haftará: Vayhi Devar Hashem
02 de abril	-	Parashat: Tazria / Hachôdesh Haftará: Barishon Beechad Lachôdesh (Sefaradim)

HORÁRIO DAS TEFILOT

Shachrit - De segunda a sexta-feira - 20 min. antes do nascer do Sol (vatikin), 06h20m (Midrash Shelomô Khafif), 06h50m (Zechut Avot) e 07h15m (Ôhel Moshê).

Aos domingos e feriados - 20 min. antes do nascer do Sol, 07h30m e 08h30m.

TABELA DE HORÁRIOS SHEVAT / ADAR I 5782

São Paulo	Dia	Alot Hashá-char	Zeman Tefilin	Nets Hachamá (nasc. Sol)	Sof Zeman Keriat Shemá			Sof Zeman Amidá		Chatsot	Minchá Guedolá	Sof Zem. Mussaf		Péleg Haminchá		Shekiá (pôr-do-sol)
					de alot a tset	de alot a tset (72m)	do nets à shekiá	de alot a tset	do nets à shekiá			de alot a tset	do nets à shekiá	do nets à shekiá	de alot a tset	
janeiro	3	04:07	4:34	5:24	7:56	8:08	8:47	9:12	9:55	12:10	12:44	13:01	13:18	18:32	17:47	18:57
	4	04:07	4:35	5:25	7:56	8:08	8:48	9:12	9:56	12:12	12:45	13:01	13:19	17:32	17:47	18:58
	5	04:07	4:35	5:25	7:56	8:08	8:48	9:12	9:56	12:12	12:45	13:01	13:19	17:32	17:47	18:58
	6	04:09	4:36	5:26	7:58	8:09	8:49	9:14	9:57	12:12	12:46	13:02	13:20	17:33	17:48	18:58
	7	04:10	4:37	5:27	7:58	8:10	8:50	9:14	9:57	12:12	12:46	13:03	13:20	17:34	17:48	18:58
	8	04:11	4:38	5:28	7:59	8:11	8:50	9:15	9:58	12:13	12:47	13:03	13:20	17:34	17:48	18:58
	9	04:11	4:38	5:28	7:59	8:11	8:51	9:15	9:58	12:14	12:47	13:04	13:21	17:35	17:49	18:59
	10	04:12	4:39	5:29	8:00	8:12	8:52	9:16	9:59	12:14	12:48	13:04	13:22	17:35	17:49	18:59
	11	04:13	4:40	5:30	8:01	8:12	8:52	9:17	10:00	12:15	12:48	13:04	13:22	17:35	17:49	18:59
	12	04:14	4:40	5:30	8:02	8:13	8:52	9:17	10:00	12:15	12:48	13:05	13:22	17:35	17:49	18:59
	13	04:15	4:41	5:31	8:02	8:14	8:53	9:18	10:00	12:15	12:49	13:05	13:22	17:35	17:49	18:59
	14	04:16	4:42	5:32	8:03	8:15	8:54	9:19	10:01	12:16	12:49	13:06	13:23	17:35	17:49	18:59
	15	04:16	4:43	5:33	8:03	8:15	8:54	9:19	10:02	12:16	12:50	13:06	13:23	17:35	17:49	18:59
	16	04:17	4:43	5:33	8:04	8:16	8:54	9:19	10:02	12:16	12:50	13:06	13:23	17:35	17:49	18:59
	17	04:18	4:44	5:34	8:04	8:16	8:55	9:20	10:02	12:16	12:50	13:06	13:24	17:35	17:50	18:59
	18	04:19	4:45	5:35	8:05	8:17	8:56	9:21	10:03	12:17	12:50	13:07	13:24	17:35	17:50	18:59
	19	04:20	4:46	5:36	8:06	8:18	8:56	9:21	10:03	12:17	12:50	13:07	13:24	17:34	17:49	18:58
	20	04:21	4:46	5:36	8:07	8:18	8:56	9:22	10:03	12:17	12:50	13:07	13:24	17:34	17:49	18:58
	21	04:22	4:47	5:37	8:07	8:19	8:57	9:22	10:04	12:18	12:51	13:08	13:24	17:35	17:49	18:58
	22	04:23	4:48	5:38	8:08	8:20	8:58	9:23	10:05	12:18	12:51	13:08	13:25	17:35	17:49	18:58
	23	04:24	4:49	5:39	8:09	8:20	8:59	9:24	10:05	12:18	12:52	13:08	13:25	17:35	17:49	18:58
	24	04:25	4:49	5:39	8:10	8:21	8:59	9:24	10:05	12:18	12:52	13:09	13:25	17:35	17:49	18:57
	25	04:25	4:50	5:40	8:10	8:21	8:59	9:24	10:06	12:19	12:52	13:09	13:25	17:34	17:49	18:57
	26	04:26	4:51	5:41	8:10	8:22	9:00	9:25	10:06	12:19	12:52	13:09	13:25	17:34	17:49	18:57
	27	04:27	4:51	5:41	8:11	8:22	9:00	9:25	10:06	12:19	12:52	13:09	13:25	17:34	17:49	18:57
	28	04:28	4:52	5:42	8:11	8:23	9:00	9:26	10:07	12:19	12:52	13:09	13:25	17:34	17:49	18:56
	29	04:29	4:53	5:43	8:12	8:24	9:01	9:26	10:07	12:20	12:53	13:09	13:26	17:33	17:48	18:56
	30	04:30	4:54	5:44	8:13	8:25	9:02	9:27	10:08	12:20	12:53	13:10	13:26	17:33	17:48	18:56
	31	04:31	4:54	5:44	8:13	8:25	9:02	9:27	10:08	12:20	12:52	13:10	13:25	17:33	17:48	18:55
fevereiro	1	04:32	4:55	5:45	8:14	8:26	9:02	9:28	10:08	12:20	12:53	13:10	13:26	17:33	17:48	18:55
	2	04:33	4:56	5:46	8:14	8:26	9:03	9:28	10:09	12:20	12:53	13:10	13:26	17:32	17:47	18:54
	3	04:34	4:56	5:46	8:15	8:27	9:03	9:29	10:09	12:20	12:53	13:10	13:26	17:32	17:47	18:54
	4	04:34	4:57	5:47	8:15	8:27	9:04	9:29	10:09	12:20	12:53	13:10	13:26	17:31	17:46	18:53
	5	04:35	4:58	5:48	8:16	8:28	9:04	9:29	10:10	12:21	12:53	13:10	13:26	17:31	17:46	18:53
	6	04:36	4:58	5:48	8:16	8:28	9:04	9:30	10:10	12:20	12:53	13:10	13:25	17:30	17:45	18:52
	7	04:37	4:59	5:49	8:17	8:29	9:05	9:30	10:10	12:20	12:53	13:10	13:26	17:30	17:45	18:52
	8	04:38	5:00	5:50	8:18	8:29	9:05	9:31	10:10	12:20	12:53	13:10	13:26	17:30	17:45	18:51
	9	04:39	5:00	5:50	8:18	8:30	9:05	9:31	10:10	12:20	12:53	13:11	13:26	17:30	17:45	18:51
	10	04:40	5:01	5:51	8:19	8:30	9:06	9:32	10:11	12:21	12:53	13:10	13:25	17:29	17:44	18:50
	11	04:40	5:02	5:52	8:19	8:30	9:06	9:32	10:11	12:21	12:53	13:10	13:26	17:29	17:44	18:50
	12	04:41	5:02	5:52	8:19	8:31	9:06	9:32	10:11	12:20	12:53	13:10	13:25	17:27	17:42	18:49
	13	04:42	5:03	5:53	8:20	8:32	9:07	9:32	10:11	12:20	12:53	13:10	13:25	17:27	17:42	18:48
	14	04:43	5:03	5:53	8:20	8:32	9:07	9:33	10:11	12:20	12:53	13:10	13:25	17:26	17:42	18:48
	15	04:44	5:04	5:54	8:21	8:33	9:07	9:33	10:12	12:20	12:53	13:10	13:25	17:26	17:42	18:47
	16	04:44	5:05	5:55	8:21	8:32	9:08	9:33	10:12	12:20	12:53	13:10	13:25	17:25	17:40	18:46
	17	04:45	5:05	5:55	8:21	8:33	9:08	9:33	10:12	12:20	12:52	13:10	13:24	17:25	17:40	18:45
	18	04:46	5:06	5:56	8:22	8:34	9:08	9:34	10:12	12:20	12:53	13:10	13:25	17:24	17:39	18:45
	19	04:47	5:06	5:56	8:22	8:34	9:08	9:34	10:12	12:20	12:52	13:10	13:24	17:24	17:39	18:44
	20	04:47	5:07	5:57	8:22	8:34	9:08	9:34	10:12	12:20	12:52	13:09	13:24	17:22	17:38	18:43
	21	04:48	5:07	5:57	8:23	8:34	9:08	9:34	10:12	12:20	12:52	13:09	13:23	17:22	17:38	18:42
	22	04:49	5:08	5:58	8:24	8:35	9:09	9:35	10:13	12:20	12:52	13:09	13:24	17:22	17:37	18:42
	23	04:50	5:09	5:59	8:24	8:36	9:09	9:35	10:13	12:20	12:52	13:09	13:24	17:22	17:37	18:41
	24	04:50	5:09	5:59	8:24	8:36	9:09	9:35	10:13	12:20	12:51	13:09	13:23	17:20	17:35	18:40
	25	04:51	5:10	6:00	8:24	8:36	9:10	9:35	10:13	12:20	12:51	13:09	13:23	17:20	17:35	18:39
	26	04:52	5:10	6:00	8:25	8:36	9:10	9:36	10:13	12:19	12:51	13:08	13:22	17:19	17:34	18:38
	27	04:52	5:11	6:01	8:25	8:36	9:10	9:36	10:13	12:20	12:51	13:08	13:23	17:19	17:34	18:38
	28	04:53	5:11	6:01	8:25	8:37	9:10	9:36	10:13	12:19	12:50	13:08	13:22	17:18	17:33	18:37
	1	04:54	5:12	6:02	8:26	8:38	9:10	9:36	10:13	12:19	12:50	13:08	13:22	17:17	17:33	18:36
	2	04:55	5:12	6:02	8:26	8:38	9:10	9:37	10:13	12:18	12:50	13:08	13:21	17:17	17:32	18:35
	3	04:55	5:13	6:03	8:26	8:38	9:11	9:36	10:13	12:18	12:50	13:07	13:21	17:16	17:31	18:34

Batendo no Príncipe



Era uma vez, num país muito distante, um sábio chamado Nikos. Sua fama de profundo conhecedor das Ciências e de sua erudição era tanta, que chegou aos ouvidos do rei.

O monarca, que possuía um filho em idade escolar, chamou Nikos para ensinar tudo o que sabia para o menino, pois ele seria no futuro o dirigente da nação. O sábio Nikos aceitou de bom grado. Todos os dias, pontualmente às oito horas da manhã, ele chegava ao palácio e transmitia seus conhecimentos ao jovem.

Passados alguns anos, o sábio apresentou-se diante do rei em companhia do príncipe alegando ter-lhe transmitido tudo o que sabia. Sendo assim, o rei poderia fazer um teste com seu filho. O soberano fez muitas perguntas ao jovem e ele soube responder a todas.

Satisfeito e orgulhoso com a sabedoria do jovem príncipe, o monarca ordenou que seu ministro entregasse a Nikos alguns sacos cheios de moedas de ouro. O sábio também foi

agraciado com um título da nobreza. Ao partir, porém, Nikos disse ao rei:

– Sua Majestade poderia mandar seu filho à minha casa, pois ainda tenho algo a ensinar?

– Pois não, disse o rei.

Assim que Nikos saiu, o rei mandou seu filho em sua carruagem real até a casa do sábio. Chegando lá, Nikos o recebeu, trouxe-o para dentro de casa e fechou a porta. Ao se ver sozinho com o príncipe, Nikos pegou uma vara e golpeou o menino com 50 açoites. O jovem urrava de dor a cada golpe. Ao fustigá-lo, Nikos enumerava as investidas: uma, duas, três, quatro...

Quando terminou, Nikos mandou o jovem de volta ao palácio real. Durante todo o caminho de volta, na carruagem, ele chorava e gemia de dor. Todas as suas roupas estavam ensanguentadas. Ele reclamava gritando tão alto que, ao aproximar-se do palácio, o rei ouviu seus lamentos e foi verificar o que se passava.

Ao ver aquela cena, mandou imediatamente os guardas à casa de

Nikos para prendê-lo. Determinou que lhe confiscassem todas suas riquezas e condenou-o à morte. Antes de executá-lo, o rei queria saber por que cometera tamanha loucura. Ordenou que o trouxessem à sua presença e, ao ser indagado, Nikos respondeu:

– O rei me ordenou que educasse seu filho para ser o futuro soberano desta nação. Como dirigente, muitos casos serão trazidos à sua presença para que os julgue. Como o jovem foi criado no palácio, cercado de mimos, não sabe e nunca sentiu o que é a dor do açoite. Quando fosse julgar alguém por algum crime e decretasse, por exemplo, que merecia mil chicotadas, não teria noção de que com metade disso o condenado já estaria à beira da morte.

– Agora, porém, ele sabe exatamente quanto dói cada chicotada... E sabe que 50 já é demais. Assim, ele será um bom juiz.

O rei ficou ainda mais satisfeito com Nikos. Além de devolver-lhe tudo o que confiscara, deu-lhe ainda outras riquezas. ■



Para receber a revista **NASCENTE** gratuitamente em São Paulo, preencha esta ficha e envie para:
Rua São Vicente de Paulo, 276
CEP 01229-010
São Paulo – SP
ou pelo fax:
11 3660-0404



Sim, eu quero receber, gratuitamente a Revista NASCENTE em São Paulo

Nome: _____

Endereço: _____

São Paulo - SP

CEP: _____ Fones: _____

E-mail: _____

Instituição judaica que frequenta: _____



Leiluy Nishmat

Moshê ben Shefia z"l

Nissim ben Emilie z"l



Raffaele ben Salha Picciotto z"l



Siahou Haim Dayan ben Adel z"l

Simon Alouan ben Guilsome z"l

Ester bat Sofi Shafia z"l

Renée Khafif bat Emily z"l



Shlime bat Feigue z"l



Leiluy Nishmat
Sr. Charles Cohab Z"L
Sr. Alberto Douer Z"L



Bank Cainvest

www.cainvest.com